

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

LISIANE MARIA SILVA BENTO

**INVESTIGAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE OS COMPLEXOS CATEGORIAIS DA
MIMESE, DA EVOCAÇÃO E DA DESFETICHIZAÇÃO NA ESTÉTICA DE 1963 DE
GYÖRGY LUKÁCS**

Mariana
2026

LISIANE MARIA SILVA BENTO

**INVESTIGAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE OS COMPLEXOS CATEGORIAIS DA
MIMESE, DA EVOCAÇÃO E DA DESFETICHIZAÇÃO NA ESTÉTICA DE 1963 DE
GYÖRGY LUKÁCS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Serviço Social da Universidade Federal de
Ouro Preto como requisito parcial para aquisição de
diploma em Bacharel em Serviço Social.

Orientador: Profº Dr. Marlon Garcia da Silva.

Mariana
2026



FOLHA DE APROVAÇÃO

Lisiane Maria Silva Bento

Investigação das relações entre os complexos categoriais da mimese, da evocação e da desfetichização na Estética de 1963 de György Lukács

Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social

Aprovada em 24 de fevereiro de 2026.

Membros da banca

Dr. Marlon Garcia da Silva - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Davi Machado Perez (Universidade Federal de Ouro Preto)
Ms. Gustavo de Almeida Reis (Universidade Federal de Goiás)

Marlon Garcia da Silva, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 25/02/2026



Documento assinado eletronicamente por **Marlon Garcia da Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/02/2026, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1065005** e o código CRC **004066F7**.

In memoriam ao meu saudoso Pai, com quem
compartilhei um encontro de almas e o incessante
incentivo na busca do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Esta etapa não se encerra em si mesma, mas inaugura novos caminhos e reafirma processos de vir-a-ser. Registro meu agradecimento a todas e todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a construção deste percurso acadêmico, pessoal e profissional.

Meus primeiros agradecimentos são direcionados à minha família, base fundamental de sustentação ao longo de toda a trajetória. Ao meu esposo Reinaldo e aos meus filhos, Luan e Lucas, meu porto seguro, pelo amor, pela paciência, pela compreensão e pelo apoio incondicional, inclusive nos momentos de ausência e cansaço.

Agradeço de maneira especial ao meu orientador, Dr. Marlon Garcia, pelo acompanhamento comprometido, pelo rigor teórico e pela confiança depositada em mim durante todo o processo de construção deste trabalho, fundamentais para o amadurecimento acadêmico e para o fortalecimento de uma leitura crítica da realidade social.

Ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto, expresso minha gratidão coletiva. Em meio às suas diferenças, constitui-se como um espaço de formação crítica e resistente, comprometido com o projeto ético-político do Serviço Social e com a defesa da universidade pública.

À Izabella da Rocha Santos, supervisora de campo, agradeço pelas vivências e aprendizados construídos, reafirmando a centralidade do estágio que permitiram a concretização da unidade entre teoria e prática.

Aos colegas de turma, agradeço pelas trocas e construções coletivas que fortaleceram este percurso formativo.

Registro, ainda, meu agradecimento aos programas, projetos e políticas institucionais que viabilizaram experiências formativas ao longo da graduação, fortalecendo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Ouro Preto e reafirmo a importância da educação pública e de qualidade como direito e compromisso social.

“O mundo da arte é um mundo do homem, um mundo em que o homem se reconhece, em que se sente em casa, pois ele próprio o criou a partir de sua própria substância humana.” —
György Lukács

RESUMO

O presente trabalho constitui-se como resultado de atividades de pesquisa e extensão articuladas ao tema em relações de potencialização recíproca, desenvolvidas pela discente ao longo da graduação em Serviço Social na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). A partir de um estudo bibliográfico, toma-se como referência central o capítulo V da obra *A peculiaridade do Estético*, de György Lukács. Em sua *Estética* de maturidade (1963), o autor defende a existência de uma estrutura categorial peculiar das atividades estéticas e artísticas humanas, em distinção a outros complexos sociais específicos, como a ciência, a religião e a política. Retomando criticamente a tradição filosófica ocidental, Lukács desenvolve formulações originais ao situar as categorias estéticas no interior dos processos históricos de humanização e de autoconstituição do ser social, compreendendo a arte não como capacidade apriorística, mas como forma específica de elaboração subjetiva e prática de respostas humanas a necessidades socialmente determinadas. Nesse percurso, o autor realiza uma investigação aprofundada acerca dos problemas do reflexo, demarcando a peculiaridade das formas de reflexo no mundo humano, orientadas pela capacidade teleológica. Tal movimento conduz ao discernimento do caráter específico do reflexo estético e artístico, desenvolvido ao longo de seis capítulos especialmente dedicados aos problemas da mimese. A mimese é compreendida, em uma primeira aproximação, como a conversão de um reflexo da realidade na prática de um sujeito, processo atravessado por intencionalidades carregadas de emoções e saturadas de socialidade, que conformam, em diferentes níveis, formas sensíveis intensificadas, expressivas e evocativas. Essas formas se organizam e objetivam em um gradiente que transita do cotidiano ao estético e ao artístico. A pesquisa percorreu a gênese e o desenvolvimento das capacidades miméticas e evocadoras a partir do trabalho e da vida cotidiana, analisando suas expressões iniciais no âmbito da magia e suas formas germinais no estético e no artístico, até alcançar os umbrais da arte enquanto potência emancipatória. Os resultados indicam que as capacidades miméticas e evocadoras da arte desempenham papel fundamental no enfrentamento do fetiche e da reificação, ao possibilitarem a superação da imediatividade coisificada dos fenômenos sociais. Nesse sentido, a arte contribui para a emancipação humana ao favorecer a retomada do protagonismo histórico dos sujeitos. Por fim, o trabalho sistematiza a estrutura categorial da obra lukacsiana em interlocução com os fundamentos críticos do Serviço Social brasileiro contemporâneo, evidenciando a cultura e a subjetividade como campos estratégicos de resistência e luta. As reflexões desenvolvidas fortalecem o projeto ético-político profissional, ao oferecer bases teóricas para uma leitura crítica da realidade social e para a afirmação de práticas comprometidas com a emancipação humana.

Palavras-chave: Arte, Mimese, Evocação, Desfetichização, Serviço Social; Emancipação Humana.

ABSTRACT

This paper is the result of research and extension activities linked to the theme of mutual empowerment, developed by the student during her undergraduate studies in Social Work at the Federal University of Ouro Preto (UFOP). Based on a bibliographic study, Chapter V of György Lukács's *The Peculiarity of the Aesthetic* is taken as a central reference. In his mature work *Aesthetics* (1963), the author defends the existence of a peculiar categorical structure of human aesthetic and artistic activities, as distinct from other specific social complexes, such as science, religion, and politics. Critically revisiting the Western philosophical tradition, Lukács develops original formulations by situating aesthetic categories within the historical processes of humanization and self-constitution of the social being, understanding art not as an a priori capacity, but as a specific form of subjective and practical elaboration of human responses to socially determined needs. In this journey, the author conducts an in-depth investigation into the problems of reflection, highlighting the peculiarity of forms of reflection in the human world, guided by teleological capacity. This movement leads to the discernment of the specific character of aesthetic and artistic reflection, developed over six chapters specially dedicated to the problems of mimesis. Mimesis is understood, at first glance, as the conversion of a reflection of reality into the practice of a subject, a process traversed by intentionalities charged with emotions and saturated with sociality, which conform, at different levels, to intensified, expressive, and evocative sensitive forms. These forms are organized and objectified in a gradient that transitions from the everyday to the aesthetic and artistic. The research traced the genesis and development of mimetic and evocative capacities from work and everyday life, analyzing their initial expressions in the realm of magic and their germinal forms in the aesthetic and artistic, until reaching the thresholds of art as an emancipatory power. The results indicate that the mimetic and evocative capacities of art play a fundamental role in confronting fetishism and reification, as they enable the overcoming of the reified immediacy of social phenomena. In this sense, art contributes to human emancipation by favoring the resumption of the historical protagonism of subjects. Finally, the work systematizes the categorical structure of Lukács's work in dialogue with the critical foundations of contemporary Brazilian social work, highlighting culture and subjectivity as strategic fields of resistance and struggle. The reflections developed strengthen the professional ethical-political project by offering theoretical bases for a critical reading of social reality and for the affirmation of practices committed to human emancipation.

Keywords: Art, Mimesis, Evocation, De-fetishization, Social Work; Human Emancipation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 GÊNESE E FUNÇÃO SOCIAL DA MIMESE E DA EVOCAÇÃO	17
2.1 A gênese da mimese e da evocação a partir do trabalho e da vida cotidiana	17
3 MIMESE, MAGIA E EVOCAÇÃO	38
3.1 Da vida cotidiana à magia como mediação histórica na constituição da mimese	38
3.2 Gérmenes e Despontamento da Mimese Estética	55
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ARTE COMO POTÊNCIA EMANCIPATÓRIA	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63

1 INTRODUÇÃO

"A razão de ser de toda teoria crítica não é apenas interpretar o mundo, mas oferecer os subsídios para que o sujeito recupere sua capacidade de agir sobre a história." — José Paulo Netto¹

Este Trabalho de Conclusão de Curso é resultado de uma trajetória formativa orientada por uma perspectiva crítica desenvolvida ao longo da graduação em Serviço Social pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Tal percurso possibilitou a aproximação sistemática com o debate teórico marxista e com problemáticas centrais da profissão, especialmente no que se refere às mediações entre cultura, subjetividade e realidade social. Associado a esse processo de desenvolvimento, surgiu também a oportunidade de vivenciar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O itinerário de pesquisa tornou-se potente ao articular-se em torno do “Mineração do Outro – Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão”², grupo vinculado ao CNPq e à PROEX/UFOP. A integração desse tripé acadêmico permitiu uma imersão profunda na profissão, transcendendo os limites da sala de aula e consolidando o rigor teórico necessário à prática profissional. Nesse âmbito, destacam-se as experiências e as interações da autora em conjunto com docente orientador e coordenador dos trabalhos realizados no projeto de extensão *“Qualificação da formação e do exercício profissional de assistentes sociais da região dos Inconfidentes: a arte como ferramenta de trabalho nas Proteções Sociais Básica e Especial da Política de Assistência Social”*.

O referido projeto propôs a socializar, de modo didático, com os assistentes sociais, que atuam na política da assistência social da região, os fundamentos teóricos que dão a especificidade do estético e artístico e as suas potencialidades como instrumento da dimensão

¹ NETTO, José Paulo. Capitalismo Monopolista e Serviço Social. São Paulo: Cortez, 1991.

² Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão que desde 2014 desenvolve trabalhos teóricos voltados à obra de Marx e ao marxismo, à crítica da economia política, à filosofia e à estética marxistas, à formação social brasileira, e às particularidades da vida social no quadrilátero ferrífero de Minas Gerais. Organiza atualmente o “Grupo de Estudos Ciência e Filosofia em Marx” e, no âmbito da extensão, articula o curso “Ontologia e Estética, Arte e Sociedade”, o projeto “Cine Faísca”, e o projeto Interface Pesquisa e Extensão “Qualificação da formação e do exercício profissional de assistentes sociais da região dos Inconfidentes: a arte como ferramenta de trabalho nas Proteções Sociais Básica e Especial da Política de Assistência Social”, financiado pela FAPEMIG.

técnico-operativa. Foi desenvolvido pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), e teve apoio com o fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), e a gestão da Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (FUNDEP). Essa iniciativa resultou na produção de material pedagógico (Caderno de Formação) e na realização de Curso de Extensão oferecido em seis encontros presenciais nas dependências da UFOP. Os trabalhos foram desenvolvidos em cinco módulos dos quais, dois contaram com a participação da autora na exposição dos conteúdos, sendo um deles com ênfase na complexidade da categoria da mimese.

Complementarmente, a pesquisa foi aprofundada no âmbito do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), sob orientação do referido docente, possibilitando um estudo rigoroso das categorias de análise apresentadas neste trabalho. Os resultados parciais deste percurso investigativo foram selecionados para apresentação oral pela discente no *XXXIII Seminário de Iniciação Científica (Encontro de Saberes-UFOP)*³, realizado em novembro de 2025. A trajetória acadêmica da autora foi ainda enriquecida com a participação de uma forte referência o “*Curso de Extensão Ontologia Estética – Arte e Sociedade*”⁴, que promove a leitura imanente e o debate da Ontologia e da Estética de Lukács para além da universidade. Ressalta-se também, a presença da discente na disciplina eletiva ‘*Tópicos em Estética Marxista: Arte, Serviço Social e Emancipação Humana*’, ministrada por seu orientador, cujos debates foram fundamentais para o adensamento teórico deste trabalho.

Ademais, esta pesquisa integra um domínio científico coletivo desenvolvido no curso de Serviço Social, sob a supervisão do orientador, articulando-se a investigações que dialogam no campo da estética marxista. Nesse âmbito, estabelece interlocução com os estudos de Ana Milena Guimarães da Silva, voltados à análise da produção sobre arte e cultura no Serviço Social, bem como com as pesquisas de Darlian dos Santos Vasconcelos e Isabela de Oliveira Silva, que aprofundam a categoria da evocação em suas determinações ontológicas e estéticas. Articuladamente a essas investigações, este trabalho concentra-se na sistematização das categorias de mimese, evocação e desfeticização na obra tardia de György Lukács,

³ O XXXIII Seminário de Iniciação Científica (SEIC) é um evento institucional da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) voltado à divulgação de pesquisas desenvolvidas por estudantes vinculados aos Programas de Iniciação Científica, constituindo-se como espaço estratégico de formação científica e de fortalecimento da pesquisa acadêmica, inclusive como etapa preparatória para a pós-graduação.

⁴ O curso de extensão *Ontologia e estética, arte e sociedade – categorias peculiares do estético* (edição 2025) é vinculado ao projeto “Mineração do Outro – Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão”. Os encontros dão continuidade às discussões sobre a obra *A peculiaridade do estético*, do filósofo húngaro marxista György Lukács, e são realizados quinzenalmente, às sextas-feiras, das 17h às 19h, na modalidade remota, por meio da plataforma Google Meet.

delimitando o estudo sobre o capítulo 5 da *Estética*, buscando apreender suas implicações ético- políticas para o Serviço Social contemporâneo.

Os resultados dessas experiências vão além das aquisições subjetivas essenciais à formação da autora, refletindo-se na solidez deste estudo. Além disso, abrem perspectivas para a continuidade de sua trajetória científica. Não obstante, o percurso de pesquisa revelou o recorrente estranhamento externo quanto à interface entre a estética marxista e o Serviço Social. Tal cenário evidencia a necessidade latente de problematizar e reafirmar a pertinência desta temática para a categoria profissional, desvelando as conexões muitas vezes invisibilizadas entre a arte e a realidade social.

Conforme aponta a literatura contemporânea, a superação do estranhamento profissional exige compreender que o Serviço Social não é uma área estática. Esta perspectiva corrobora a tese de Netto (2015), que define a profissão como um produto histórico que se transforma continuamente no embate das relações sociais, rompendo com as suas bases tradicionais em direção a uma prática crítica.

Nesse contexto, de acordo com Iamamoto (2025), o Serviço Social, no âmbito da expansão capitalista, deve ser compreendido como inserido no processo de reprodução das relações sociais, abrangendo não apenas a manutenção da vida material, mas também a reprodução das classes sociais, de seus conflitos e das formas de consciência social, jurídicas, políticas, religiosas e artísticas, que permitem aos indivíduos compreender e interpretar a vida social. Sob essa perspectiva, o Serviço Social se apresenta como um campo de saber em constante reconstrução dialética, acompanhando as transformações da realidade social.

Torna-se, portanto, necessário revisitar a gênese do Serviço Social e os seus fundamentos para compreender as interações entre a estética e a prática profissional. Essa transição demanda ter em vista a historicidade da profissão, evidenciando que o afastamento do tradicionalismo constitui, essencialmente, uma nova perspectiva ontológica, teórico-metodológica e ético-política.

O Serviço Social no Brasil passa por transformações ao longo da história, renovando-se e desenvolvendo novas formas de atuação, mesmo mantendo sua identidade essencial. (Iamamoto, 2025, p.7). Historicamente, a profissão emergiu no início do século XX, em meio às profundas transformações sociais advindas da industrialização e urbanização capitalistas, articuladas inicialmente a iniciativas de assistências ligada à Igreja Católica e setores burgueses

que buscavam responder às demandas à “questão social” (Iamamoto; Carvalho, 1996; Yazbek, 2020)

Logo, a profissão emergiu em um contexto de intensificação das desigualdades sociais e da expansão industrial, período marcado pelo agravamento de diversas problemáticas em escala global e local. Entre essas questões, destacam-se a desigualdade econômica, a consolidação de regimes políticos autocráticos, a degradação ambiental decorrente de dinâmicas econômicas predatórias e irracionais, além da formação de formas de consciência reificadas nas sociedades de massa.

Entretanto, o Serviço Social constitui-se como uma especialização dentro do trabalho coletivo, inserido na divisão social e técnica do trabalho enquanto prática profissional (Iamamoto; Carvalho, 1982), assim como uma área de conhecimento acadêmico e disciplina científica (Mota, 2016). Nesse sentido, a profissão gradualmente se estrutura teoricamente, é legitimada e fundamentada, se consolidando ao longo dos anos com sua inserção na formulação e implementação de políticas públicas. Ademais, sua atuação é conformada de maneira diversa conforme as especificidades das conjunturas sociais, políticas e econômicas.

Essa concepção implica reconhecer a centralidade da produção e reprodução na formação dos indivíduos sociais, diferenciando-se da ênfase no mercado, característica do pensamento liberal. No contexto do modo de produção capitalista, as relações de trabalho são marcadas pela alienação e pelos antagonismos de classe, de modo que a apropriação da riqueza socialmente produzida e a reprodução das condições de exploração permanecem asseguradas.

Conforme explica Marx (1983), o trabalhador não detém controle sobre o produto de seu trabalho, sendo este apropriado pelos detentores do capital, o que mantém as desigualdades estruturais e os dispositivos ideológicos do sistema.

Nesse cenário, o Serviço Social se constitui e se legitima ao formular respostas e intervir nas problemáticas geradas pelas discrepâncias entre capital e trabalho, posicionando-se tanto como instrumento de enfrentamento das contradições sociais quanto de mediação entre as demandas da população e as estruturas de poder (Redon; Santos, 2005).

De acordo com Netto (2007), tais contradições se manifestam na superfície da vida cotidiana por meio das múltiplas expressões da denominada “questão social”. Destacando-se, as necessidades e vulnerabilidades relacionadas a carências de ordem material, às quais essa profissão é convocada a intervir com vistas à garantia da reprodução social.

No entanto, seria um equívoco negligenciar o fato de que o Serviço Social no Brasil, sobretudo a partir do final da década de 1970, tem acumulado um significativo arcabouço de

reflexões teóricas, científicas, políticas e filosóficas. Esse processo crítico e investigativo aprofunda a compreensão das mediações e dos mecanismos constitutivos dos fenômenos que desafiam sua atuação, ampliando, assim, sua fundamentação epistemológica e inserção no debate acadêmico e político.

Portanto, a profissão fundamenta-se na análise da dinâmica da sociedade contemporânea, marcada pelo sistema capitalista, bem como nos desafios atuais que afetam suas práticas sociais e profissionais. Em termos gerais, trata-se da garantia da reprodução da ordem burguesa mediante a subsistência mínima e ínfima das maiorias, o suficiente para não as estarecer, movimentar ou conscientizar com a profundidade de sua miséria.

Nesse contexto, especificamente na particularidade da realidade brasileira, a profissão se ergueu sobre bases tradicionais e conservadoras, moldadas pelas demandas da ordem social vigente. No entanto, ao longo de seu percurso histórico, o Serviço Social demonstrou capacidade de reverter e transformar esses fundamentos, promovendo um processo de inflexão que redefine seus princípios teórico-metodológicos e orienta sua prática interventiva a partir de uma apreensão crítico-ontológica da realidade, fundamentada na teoria social marxiana e na tradição marxista.

Tal perspectiva evidencia a importância de explicitar e aprofundar a concepção de ser social de Marx, desenvolvida por Lukács em sua “Ontologia”, e já presentes em sua “Estética” de 1963, como referência para a compreensão da profissão e de seu papel na mediação das relações sociais e na intervenção sobre as desigualdades estruturais.

Diante dessas reflexões, o presente trabalho incursiona sobre a concepção de mimese, no âmbito da teoria estética lukacsiana, tendo em vista escavar as contribuições da obra para a compreensão das relações entre arte, realidade social e experiência humana, contribuições, ademais, afins e potencializadoras do projeto ético-político do Serviço Social brasileiro contemporâneo.

Portanto, os objetivos desta pesquisa são investigar, à luz da ontologia histórico-materialista, as categorias de mimese, evocação e desfetichização na *Estética* (1963) de György Lukács, analisando sua gênese a partir do trabalho e da vida cotidiana, suas mediações no âmbito da magia e do campo estético-artístico com ênfase na arte como potência emancipatória. Ressalta-se num contexto social que cada vez mais valoriza o individualismo, o isolamento e a fragmentação do coletivo, a arte surge como um possível instrumento capaz de fortalecer a compreensão integral do ser humano. Nesse cenário, o Serviço Social tem o papel de entender a arte como uma potente mediação para essa reconexão social. A preocupação em entender a arte e sua conexão com a sociedade é um tema multissecular.

Destaca-se que a ideia de que a arte e suas manifestações refletem a sociedade é uma questão historicamente debatida entre estudiosos e filósofos, muito embora na contemporaneidade essas referências de reflexo e mimese são refutadas pela filosofia acadêmica e em geral. Mas foi justamente essa concepção de arte como reflexo da realidade que fundamentou a *Estética* de Lukács.

Uma das teses fundamentais do autor é que todas as formas de reflexo analisadas a partir da totalidade da vida cotidiana – seja ciência, seja arte – reproduzem a mesma realidade objetiva, mas com diversidades de manifestações. Assim, é necessário abandonar a visão de reflexo como algo simplesmente mecânico ou como uma reprodução exata da realidade, por exemplo uma fotografia. Assim, tanto a ciência quanto a arte são modos pelos quais os seres humanos conseguem refletir sobre a sociedade e sua realidade social e natural.

De posição contrária às concepções idealistas⁵ Lukács (1963), fundamentado na perspectiva de pensadores como Marx, Engels e Lênin, defensores do materialismo histórico-dialético, destaca a primazia do ser material sobre a consciência, bem como a natureza historicamente determinada da realidade social. Nesse sentido, afirma que o trabalho constitui o elemento fundante, instituidor, força motriz do ser social, sendo fundamental para a compreensão do processo de humanização e da distinção entre humanos e animais.

Assim como o trabalho, a arte é considerada uma atividade social que nasce e se aprimora em circunstâncias e cenários históricos específicos. Porém, as tendências fetichistas e alienantes do capitalismo, aliadas a correntes idealistas, moldam a percepção da arte, conduzindo-a ser compreendida como algo inato ou, por vezes, de forma distorcida e desumanizada.

Essas considerações não ignoram que na sociedade burguesa, de classes, todas as formas ideais e ideológicas constituem trincheiras nas quais seres humanos e as classes sociais articulam e organizam suas posições interessadas, diante das contradições que atravessam esta sociedade. Sabemos que as posições teóricas aqui sustentadas estão longe de serem hegemônicas nos dias de hoje, e não obstante são pertinentes e necessárias.

Assim sendo, um dos propósitos deste trabalho é evidenciar e contribuir no entendimento acerca do complexo categorial expresso por Lukács em relação à arte e sua especificidade. A função social própria transcende nossos esforços. De todo modo, no escopo de sua relevância em desvelar a peculiaridade, esperamos instigar e contribuir com pesquisas afins voltadas à monumental estrutura categorial e determinativa que constitui a *Estética* de

⁵ muito embora no prefácio da obra, o autor não deixa de reconhecer em sentido abrangente as contribuições acumuladas na filosofia ocidental de Aristóteles a Hegel.

Lukács, dentro e fora do Serviço Social.

A complexidade inerente à obra *Estética* de Lukács e a necessidade de desvelar categorias de tamanha densidade exigem um suporte procedimental que não se desvincule do rigor ontológico proposto. Para que a investigação não se perdesse em abstrações ideais, foi necessário adotar um percurso que garantisse a fidelidade aos textos originais e à tradição crítica na qual se inserem.

Nessa perspectiva, o estudo busca investigar as interações e possíveis articulações entre mimese, evocação e desfetichização, a partir da obra tardia de Lukács, em especial o capítulo 5 da *Estética* de 1963, que busca auxiliar na compreensão da estrutura categorial específica do campo do reflexo, do comportamento e da ação humana na esfera estética. Além disso, a pesquisa abre caminhos férteis para reflexões acerca dos processos emancipatórios humanos, que pode possibilitar a superação da aparência coisificada dos fenômenos e objetos sociais, com o intuito de restaurar o papel central dos seres humanos na história, por meio de ações que promovem a desfetichização.

Dessa forma, um dos pontos pilares desta pesquisa é apresentar que a arte não é inata ao ser humano, mas sim, uma atividade “espiritual” do ser social que surge como resposta ao mundo, no curso de um processo de humanização. Assim sendo, a pesquisa se concentra em: discutir arte a partir de uma ontologia histórico-materialista do ser social, e apresentá-la como possibilidade de refletir, reagir e atuar de forma peculiar perante as novas situações da vida.

Portanto, para materializar os objetivos deste estudo e sustentar a análise das categorias de mimese, evocação e desfetichização, a estrutura metodológica delineada a seguir organiza o caminho percorrido entre a teoria e a sistematização científica.

Nesse sentido, a presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na perspectiva teórico-científica e filosófica marxista. Configura-se como um estudo bibliográfico de caráter exploratório e analítico, utilizando os instrumentais básicos da pesquisa em ciências humanas (GIL, 2008). Os procedimentos adotados incluíram a leitura imanente da bibliografia selecionada, a elaboração de fichas de leitura (de citação e analíticas), além da sistematização de resumos e textos interpretativos de natureza científica.

A análise orienta-se pela obra tardia de György Lukács, com centralidade no capítulo 5 da *Estética* (1963). O estudo é subsidiado pelas contribuições de pensadores que fundamentam a ontologia marxista, como Marx e Engels, além de interlocutores clássicos como Aristóteles, Hegel e Goethe. Diferente do idealismo filosófico, que compreende o estético como inato, como dado *a priori* à humanidade, esta metodologia busca apreender a estética como uma prática social e um modo de reflexo da realidade que emerge sócio-historicamente.

Para tanto, o caminho investigativo percorre os processos genéticos dos fenômenos estéticos nos processos de humanização para explicitar as relações entre as categorias de mimese, evocação e desfetichização. No âmbito do materialismo dialético, busca-se investigar as origens das capacidades humanas a partir de uma teoria materialista e dialética do reflexo, reconhecendo a prioridade da realidade objetiva sem negligenciar a importância das formas de consciência na organização da vida social.

Conforme orienta Lukács (1987), o método dialético define os caminhos necessários para conceituar a realidade em sua objetividade, permitindo que a pesquisa se aproxime da verdadeira essência do campo estético. A análise dessas inter-relações no debate contemporâneo da profissão justifica-se por sua capacidade de atuar como catalisador do desenvolvimento humano e ferramenta crucial na desmistificação da realidade social.

Nesse contexto, a fim de operacionalizar os objetivos desta pesquisa, o trabalho está organizado em dois capítulos, além da introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo aborda a gênese e a função social da mimese e da evocação a partir do trabalho e da vida cotidiana. O segundo capítulo analisa as mediações da mimese mágica e o surgimento da evocação no processo de constituição do campo estético. Por fim, as considerações finais apresentam uma síntese da análise desenvolvida, examinando a arte como potência emancipatória e desfetichizadora.

2 GÊNESE E FUNÇÃO SOCIAL DA MIMESE E DA EVOCÇÃO

Este capítulo tem como objetivo examinar a gênese e a função social das categorias de mimese e evocção a partir de uma perspectiva ontológico-histórica, fundamentada na obra tardia de György Lukács. Parte-se do entendimento de que tais categorias não se constituem como capacidades inatas, mas emergem no curso do processo de humanização, mediado pelo trabalho e pela vida cotidiana. Nesse sentido, busca-se apreender suas determinações fundamentais, bem como o papel que desempenham na conformação da prática social e da experiência humana.

2.1 A gênese da mimese e da evocção a partir do trabalho e da vida cotidiana

A fundamentação ontológica do estético elaborada por Lukács tem como objetivo compreender a essência da arte e seu lugar no ser social, concebendo-a como uma atividade peculiar dos seres humanos em suas relações com o mundo. Para o autor, isso exige reconhecer que, assim como as demais atividades humanas, o campo do estético e do artístico não constitui uma dimensão inerente ou naturalmente dada ao homem desde sua origem, mas um produto sócio-histórico que se forma e se transforma ao longo do desenvolvimento da humanidade.

Na *Estética*, Lukács desenvolve um percurso analítico que parte de determinações filosóficas gerais e avança progressivamente em direção a formas mais concretas, fundamentando-se na tese de que a essência de um fenômeno é inseparável de sua gênese. Como afirma o autor, “a verdadeira estrutura categorial de cada fenômeno desse tipo está ligada da maneira mais íntima à sua gênese” (Lukács, 1967, p. 24).

Sob essa ótica, este capítulo dedica-se à análise da mimese, buscando explicitar sua gênese, suas funções e suas determinações ontológicas. A investigação inicia-se pelas manifestações miméticas observadas na natureza e no reino animal, avançando para as formas qualitativamente distintas que assume no mundo humano, onde é mediada pelo trabalho, pela linguagem e pela vida cotidiana. O objetivo central é demonstrar que a mimese constitui um elemento estruturante da práxis social, desempenhando papel decisivo na comunicação, na interação social e na constituição do fenômeno estético⁶.

⁶ Conforme mencionado na Introdução, nossas elaborações autorais tiveram como uma de suas referências de balizamento e apoio os trabalhos consolidados em: SILVA, Marlon Garcia da. ARTE E SERVIÇO SOCIAL – CADERNO DE FORMAÇÃO. Relatório final do projeto “Qualificação da formação e do exercício profissional de assistentes sociais da região dos Inconfidentes: a arte como ferramenta de trabalho nas Proteções Sociais Básica e Especial da Política de Assistência Social”, apresentado à FAPEMIG (Chamada nº. 11/2022 da FAPEMIG, “Apoio

Lukács identifica duas vias principais de constituição do estético: as formas abstratas do reflexo, como ritmo, simetria e proporção, e a mimese, considerada a fonte decisiva do estético, na medida em que permite reunir e realizar os elementos de sua independência (Lukács, 1966a). Após apresentar questões preliminares e gerais, o autor compara as formas miméticas presentes na vida cotidiana com aquelas que se desenvolvem no âmbito das práticas mágico-cerimoniais, buscando identificar as determinações originárias da mimese estética a partir da mimese mágica.

No desenvolvimento de sua investigação, Lukács analisa uma dupla dinâmica. De um lado, examina o processo histórico de crescente mundanidade dos homens, no qual se constitui objetivamente o mundo próprio das obras de arte. De outro, investiga os percursos da subjetividade humana, isto é, as mediações por meio das quais o sujeito se forma e se transforma no interior das relações sociais. Essa abordagem permite compreender o estético como resultado de uma unidade dialética entre objetividade e subjetividade historicamente constituídas, mediação na qual a mimese desempenha papel central.

Em uma primeira aproximação, entendida como imitação, a mimese apresenta-se como uma forma de reflexo da realidade objetiva, desempenhando papel tão decisivo para o surgimento do estético quanto às formas abstratas do reflexo. Contudo, para Lukács, a mimese não se limita a um procedimento formal ou imitativo, mas se constitui como uma expressão concreta que busca apreender os conteúdos, as determinações e os fenômenos da realidade em sua complexidade. Nesse sentido, afirma o autor:

Se passamos agora à outra fonte da arte, a decisiva, ou seja, à ‘imitação’, a mudança não significa, do ponto de vista da teoria geral do conhecimento, nenhuma irrupção em território novo. Pois nossa análise das formas chamadas abstratas mostrou que inclusive elas são modos de refletir a realidade objetiva. Por importante que seja, do ponto de vista da estética, a diferença entre essas duas formas de comportamento, estas são de todos modos espécie de um mesmo gênero, a saber, do reflexo da realidade (LUKÁCS, 1966a, p. 7).

A partir dessas elaborações iniciais, a mimese pode ser compreendida, como um complexo já presente na própria natureza. Ela assume formas específicas no mundo animal, sobretudo entre seres vivos dotados de maior grau de organização biológica e comportamental, e adquire, posteriormente, determinações qualitativamente distintas no mundo humano. No âmbito da natureza, a mimese manifesta-se por meio de alterações morfológicas, cromáticas, olfativas, gustativas e táteis, que se configuram como respostas físico-biológicas de caráter

instintivo, acionadas diante de situações de ameaça ou das exigências adaptativas impostas pelo ambiente.

Tais modificações funcionam como estratégias de ilusão perceptiva, possibilitando vantagens relativas frente a predadores ou presas. Podem ser observadas, por exemplo, em espécies de aranhas que mimetizam formigas para se aproximar de suas presas; em insetos-pau e insetos-folha que se confundem com galhos e folhas do ambiente; bem como em peixes e répteis capazes de modificar rapidamente sua coloração para fins de camuflagem. No reino vegetal, determinadas orquídeas imitam a forma e o odor de insetos para favorecer a polinização.

Essas respostas, de caráter predominantemente instintivo, asseguram vantagens adaptativas frente a predadores ou presas, configurando a mimese natural como um processo de imitação funcional voltado à preservação da vida por meio da adaptação às condições ambientais. Ademais, a repetição de experiências reais e de respostas reativas contribui para a formação de reflexos condicionados, desempenhando papel relevante na conservação e transmissão de comportamentos consolidados. Embora se processem no plano ontogenético, tais mecanismos repercutem historicamente na formação e evolução das espécies, em uma dimensão filogenética mais ampla. Nesse sentido, Lukács considera que:

Por isso, a conservação e a transmissão de experiências essenciais para a vida da espécie não podem ser consumadas a não ser por meio da imitação. Isso é essencial para corrigir os reflexos condicionados; pois é o procedimento mais eficaz para a adaptação ao mundo que nos rodeia, para dominar o próprio corpo, os próprios movimentos e, em suma, um dos meios mais importantes para dominar o mundo que nos rodeia (LUKÁCS, 1967, p. 8)

No reino animal, a imitação manifesta-se predominantemente como uma resposta físico- biológica de caráter instintivo e automático. Em espécies dotadas de maior complexidade organizacional, experiências concretas ligadas à sobrevivência podem ser reproduzidas por meio de atividades lúdicas, nas quais situações reais de conflito são simuladas de forma controlada. Conforme destaca Lukács, essa imitação lúdica já pressupõe um certo afastamento em relação à realidade imediata, como no comportamento dos cães que simulam mordidas durante “brincadeiras” e “jogos” sem efetivamente ferir.

Nessa prática, estabelece-se uma fronteira instintiva entre a realidade imitada e a imitação refletida, na qual se manifesta, simultaneamente, um componente evocativo associado a determinados sentimentos. Contudo, mesmo nesse nível, a mimese permanece limitada por

determinações instintivas e não ultrapassa o horizonte da adaptação imediata. Nas palavras do autor:

Por isso é tão compreensível que a "imitação" - no sentido mais amplo da palavra - seja um dado elementar e universal na vida de todo ser dotado de alto grau de organização. E, de fato, o encontramos como um fenômeno universal em quase todos os animais superiores: nesse nível biológico, a transmissão de experiências dos idosos para os jovens só pode ocorrer por meio da imitação dessa experiência. Não são apenas os jogos de animais jovens baseados na imitação de movimentos, os modos de comportamento dos adultos nas dificuldades da vida, mas mesmo coisas como a educação de jovens andorinhas no voo migratório para o sul se enquadram neste capítulo. A imitação é, portanto, o fato elementar de toda vida de organização superior, que, posta em troca ativa com o mundo circundante, não pode mais ser limitada a reflexões incondicionadas (LUKÁCS, 1966a, p.7).

Contudo, a passagem da mimese natural e animal para a mimese humana não se dá por evolução biológica, mas por uma ruptura ontológica decisiva. No plano do ser social, a mimese assume determinações ontológicas sociais, sendo mediadas pelo trabalho e pela linguagem. Ao responder a finalidades práticas e subjetivas conscientemente postas, ultrapassa o nível das impressões sensíveis imediatas e das representações próprias dos reflexos condicionados.

A mimese humana pressupõe o reconhecimento de um mundo objetivo, historicamente determinado e relativamente independente da consciência individual. Ao mesmo tempo, implica compreender que esse mundo pode ser conhecido e transformado por meio da ação prática dos seres humanos, especialmente por meio do trabalho e das interações sociais. É essa mediação consciente que confere à mimese humana um caráter intencional, ausente nas formas instintivas ou automáticas observadas nos animais, marcando a transição para atividades refletidas, historicamente situadas e socialmente significativas.

Assim, ao situar o trabalho como eixo central da vida social, Lukács evidencia como se constitui o reflexo da realidade objetiva na vida cotidiana. É a partir do trabalho — estreitamente articulado à linguagem e às interações sociais — que se inicia o processo de humanização do ser social, na medida em que se estabelecem formas conscientes, mediadas e historicamente situadas de relação entre o indivíduo e o mundo objetivo. Dessa maneira, a mimese humana transcende a simples adaptação instintiva, tornando-se um instrumento de mediação intencional entre a consciência e a realidade material.

Tal compreensão se fundamenta na concepção marxiana do trabalho como ato teleológico. Como afirma Marx, citado por Lukács, o trabalho distingue-se das atividades

instintivas dos animais precisamente por envolver a antecipação ideal do resultado a ser alcançado.

O trabalho só pode ser produzido como ato teleológico: “Supomos o trabalho de uma forma que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha realiza operações semelhantes às de um tecelão, e uma abelha pode fazer um arquiteto humano corar por causa da construção de suas células. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha desde o início é que o primeiro construiu a célula em sua cabeça antes de executá-la em cera. Ao final do processo de trabalho, produz-se um resultado que já existia no início do trabalho na representação do trabalhador, ou seja, idealmente. O trabalhador não realiza apenas uma transformação formal do natural; Ele também atua seus fins no natural, um fim que ele conhece, que determina o tipo e a maneira de seu fazer, como uma lei, e aos quais ele deve submeter sua vontade (MARX, apud LUKÁCS, 1963, p. 39).

Essa capacidade teleológica do trabalho é fundamental para a mimese humana, pois permite que ações intencionais e refletidas reorganizem a realidade objetiva, estabelecendo as condições para mediações conscientes e historicamente situadas entre o sujeito e o mundo. As formas mais complexas da consciência humana têm sua gênese nesse processo, no qual o trabalho atua como mediador essencial entre o ser humano e a natureza.

É nesse intercâmbio que se desenvolvem a distinção entre sujeito e objeto e a habilidade de projetar finalidades, isto é, de agir de modo teleológico. Para Lukács, a mimese não se limita à cópia passiva da realidade; ela constitui uma forma ativa de apreensão do mundo, inicialmente ligada às necessidades de sobrevivência e, progressivamente, refinada no contexto da vida cotidiana.

Mesmo no nível em que o homem primitivo ainda não produz ferramentas, mas se limita a pegar seixos de certas formas para jogá-los ou usá-los de acordo com suas necessidades, certas observações devem ser feitas sobre as pedras que, por sua dureza, sua forma, etc. eles são adequados para certas operações. Já o fato de o homem primitivo escolher um seixo adequado entre muitos, e a natureza de sua escolha mostra que o homem está mais ou menos ciente de que deve agir em um mundo externo que existe independentemente dele e que, portanto, ele deve procurar compreender e dominar o máximo possível com o pensamento, por meio da observação, aquele ambiente que existe independentemente dele, para poder existir, para poder escapar dos perigos que o ameaçam. Também o perigo, como categoria da vida interior humana, mostra que o sujeito tem mais ou menos consciência de estar diante de um mundo externo independente de sua consciência (LUKÁCS, 1963, p. 46-47).

A produção do novo inaugura uma dinâmica aberta na atividade humana, na qual surgem continuamente novas necessidades e possibilidades de ação. Nesse processo, o ser social precisa descobrir as propriedades dos objetos naturais e escolher aqueles mais adequados à realização de fins concretos. Essa escolha não se limita à mera percepção instintiva: ao

selecionar e utilizar um objeto — como uma pedra — para uma finalidade específica, o homem transforma sua relação com o mundo, conferindo-lhe significado e função prática. Uma pedra capaz de cortar um vegetal, por exemplo, pode não ser adequada para abater um animal ou extrair madeira, evidenciando que a adequação do objeto depende da finalidade e do contexto de ação.

Essa intervenção intencional sobre o mundo constitui uma forma primária de mimese humana, na qual a ação consciente e histórica do sujeito começa a reorganizar a realidade objetiva, preparando o caminho para formas mais complexas de mediação social e prática estética.

Portanto, a prática humana envolve um processo contínuo de seleção, adequação e transformação da natureza. A partir dessa base material produtiva, que constantemente gera novas necessidades e formas de satisfazê-las, os seres humanos desenvolvem em conjunto formas superiores de práxis, que se manifestam na reprodução social e na organização coletiva da vida.

Esse desenvolvimento do complexo de objetivação repercute tanto no plano físico quanto no mental do indivíduo, mas assume sempre um caráter social e geral, como observa Lukács: “as novas tarefas, as novas e modificadoras circunstâncias, têm um caráter geral (social)” (Lukács, 1967, p. 22). O ser humano, ao produzir em conjunto, integra-se à sociedade, e seu isolamento só se dá em relação a essa coletividade. Esse processo não ocorre de forma imediata, mas é fruto de um desenvolvimento histórico-social prolongado, no qual a mimese humana, como prática intencional de reflexo e ação sobre o mundo, constitui um elemento estruturante da práxis social.

É importante destacar, uma consideração metodologicamente relevante para o autor: que a estética, assim como toda atividade humana, não é uma dimensão natural e inata, mas sim um produto sócio-histórico e evolutivo. Inseridos em circunstâncias historicamente determinadas, nas quais necessidades, meios e fins se colocam e se reorganizam constantemente, assim, os indivíduos retornam à natureza para investigar suas propriedades e possibilidades de atuação.

Nesse percurso, o conhecimento subjetivo-prático se expande, permitindo a combinação intencional de elementos naturais, como a junção de pedras e madeira na produção de instrumentos. Esse processo contínuo, ainda que irregular, revela a mimese humana em ação, na

medida em que a observação, imitação e transformação do mundo tornam-se fundamentais para a construção de formas mais complexas de práxis social e para o desenvolvimento gradual da consciência estética.

Consequentemente, a partir da constatação de que o ser humano reflete, imita e reproduz uma mesma realidade unitária, é possível identificar as diferenças que surgem na forma, no conteúdo e na estrutura categorial de cada sistema de objetivação. Essas diferenças se evidenciam tanto na comparação entre formas superiores — como a prática estética — quanto na comparação destas com o cotidiano.

Nesse sentido, a mimese deve ser compreendida como a conversão do reflexo de um fenômeno da realidade na prática de um sujeito (Lukács, 1966a, p. 7), isto é, como um processo ativo de apreensão do mundo pelo qual as experiências percebidas são transformadas em ações intencionalmente mediadas. Não se trata, portanto, de uma reprodução passiva do real, mas de um movimento no qual o sujeito assimila, reelabora e reinsere o conteúdo refletido no interior de sua prática histórico-social. A mimese constitui, assim, um instrumento de interação entre indivíduo e contexto, refletindo as condições materiais de existência e as formas coletivas de vida que o constituem.

Sob essa perspectiva, a mimese configura-se como transformação do reflexo da realidade em atividade, assumindo, no caso do ser humano, o caráter de prática consciente e socialmente mediada. Diferentemente dos níveis regidos por determinações físico-biológicas, nos quais a imitação se converte automaticamente em respostas instintivas e reações imediatas, no âmbito do ser social o reflexo mimético não se traduz mecanicamente em comportamento. Ao contrário, ele é atravessado por interesses, intenções e finalidades humanas, sendo incorporado a processos teleologicamente orientados.

Nesse contexto, o trabalho constitui o ponto de partida fundamental para compreender a mimese humana, sendo o espaço em que suas formas básicas emergem e se manifestam originalmente na vida cotidiana. Mesmo nas suas expressões mais elementares, o trabalho exige superar as impressões sensíveis imediatas, indo além da percepção direta e da relação instantânea entre finalidade e resultado.

Essa superação ocorre por meio da intervenção teleológica na realidade, que organiza e media a ação humana, aprofundando e generalizando o reflexo entre aparência e essência. Assim, o trabalho não apenas transforma a natureza, mas também estabelece as condições para

o desenvolvimento da mimese consciente, que será central na constituição da prática estética e cultural do ser social, conforme afirma o autor.

É justamente desse ponto de vista que o papel do trabalho é determinante. Pois nele e como já dissemos antes, fica suspensa a determinação imediata da posição dos fins e da ação. No trabalho está a superação desse imediatismo. O trabalho pode satisfazer cada vez melhor os propósitos do homem no domínio do mundo circundante precisamente porque vai além da subjetividade espontânea - que sem dúvida contém também elementos espontâneos de objetividade - porque empreende um desvio em direção à realização dos fins e suspende a mediação destes para investigar diretamente a realidade objetiva como ela é em si mesma. Por isso, no trabalho, a distinção entre o essencial e o não essencial já deve aparecer objetivamente e refletir-se na consciência humana como objetivamente o é (LUKÁCS, 1966a, p.14).

Desse modo, o trabalho envolve o desenvolvimento de capacidades que articulam simultaneamente o reflexo dialético da realidade e a ação criativa e transformadora sobre o mundo natural e social. A partir dessa perspectiva, é possível compreender que, ao longo da história, práticas sociais vinculadas à magia desempenharam um papel relevante na vida cotidiana.

Essas práticas constituíram como formas culturais por meio das quais os seres humanos buscavam compreender e exercer algum grau de controle sobre as forças naturais e sociais que os cercavam, revelando modos iniciais de mimese simbólica que precedem o campo estético. Para Lukács (1967), o trabalho constitui o modelo central da concepção mágica do mundo, enquanto a magia, nesse estágio inicial, integra diversas modalidades de objetivação humana ainda indiferenciadas. Com o tempo, essas formas diferenciadas deram origem a campos específicos, como a ciência, a religião e a arte, cada um com sua dinâmica própria.

Assim, a mimese se particulariza como uma forma de reflexo convertida em ação humana consciente, ou seja, uma práxis social de caráter sensível e evocativo. Ela desempenha papel central no desenvolvimento das capacidades de interação, expressão e comunicação entre os indivíduos, permitindo ao ser humano relacionar-se de maneira mais complexa com seu entorno e com sua própria experiência interna, construindo progressivamente os domínios de seu mundo social e cultural.

O momento ideal da mimese — isto é, a relação reflexiva da consciência com o mundo e a imagem que nela se constitui — vai além da mera reprodução mecânica da realidade. Desde os atos mais elementares do trabalho e da vida cotidiana, que incorporam uma tendência

desantropomorfizadora⁷, observa-se a capacidade de transcender impressões sensíveis imediatas, permitindo a constituição da dialética entre aparência e essência de forma progressivamente mais clara.

Nessa perspectiva, o essencial passa a se manifestar de forma mais evidente na aparência dos fenômenos refletidos, aproximando o reflexo das conexões objetivas da realidade. Nas palavras do autor:

Lenin formula da seguinte maneira — certamente num contexto que vai além da nossa problemática, mas por isso mesmo o insere em outro maior — aquele âmbito da dialética: “A natureza é tanto concreta quanto abstrata, tanto aparência como essência, tanto momento quanto relação.” Mas tudo isso não é o mesmo que identificar a aparência com a essência. Ao contrário. A partir daí, é precisamente possível apreender sua oposição como característica da realidade unitária e contraditória. É por isso que Lênin insiste, por um lado, no seguinte: “... o não essencial, o aparente, o que se encontra na superfície muitas vezes desaparece, não é guardado tão “densamente” nem “estabelecido” “tão” solidamente ” como a essência. Por exemplo: no movimento de um rio, a espuma acima e as correntes abaixo. Mas a espuma também é uma expressão da essência. E, por outro lado, ele também insiste que a essência e a lei são “conceitos da mesma ordem” contra os quais, porém, “a aparência representa a totalidade perante a lei”, uma vez que “contém a lei e também algo, a saber, o momento da forma em movimento.” Lenin resume suas declarações nesta etapa com uma frase de Hegel: “A aparência é mais rica do que a lei.” Assim, o caráter meramente aproximado de todo o conhecimento é epistemologicamente fundamentado pela peculiaridade da dialética da essência e da aparência (LUKÁCS, 1967, p. 17-18).

Esse processo, mesmo em suas manifestações mais primárias na vida cotidiana, envolve atividades de seleção, acentuação do essencial e descarte do acessório, permitindo identificar os pontos nodais na imagem refletida que orientam as ações em cada situação.

Nesse sentido, a mimese não se reduz a uma mera cópia sensorial da realidade, pois a imagem formada na consciência resulta de um processo ativo e seletivo, no qual o sujeito, em interação com o mundo, reage às impressões sensíveis, destacando determinados elementos como essenciais e relegando outros à margem da consciência (Lukács, 1967).

Assim, na relação entre consciência e realidade objetiva, as formas humanas de percepção não se reduzem a impressões sensíveis ou fisiológicas (Lukács, 1967). Para o autor, as imagens formadas na consciência resultam de um processo complexo: o ser social não é passivo frente às impressões do mundo, mas reage a elas de modo seletivo e consciente. Mesmo quando respostas imediatas e espontâneas são necessárias, a percepção humana envolve uma

⁷ A desantropomorfização refere-se ao movimento do reflexo do mundo para o ser humano, isto é, à capacidade de apreender e reproduzir subjetivamente categorias da realidade objetiva, internalizando conteúdos e determinações do domínio do “não antropos

escolha, mediada pela interação com o ambiente, que determina quais elementos são destacados e quais permanecem secundários. Portanto, exemplifica o autor:

Já nos reflexos não condicionados encontramos aquelas reações espontâneas ao reflexo de um acontecimento real, o que significa que sua presença é verificável no mundo animal. Pense na reação de um homem quando um objeto voa em seus olhos. O homem fecha os olhos espontaneamente e vira a cabeça para evitar colidir com o objeto que se aproxima. O que isso significa do ponto de vista do reflexo? Certamente significa que, no sistema nervoso central, a distinção foi feita entre o essencial e o não essencial contido na imagem do reflexo. O objeto que ameaça os olhos foi captado como essencial; tudo o mais, mesmo as demais propriedades do objeto que não pertencem a essa função ameaçadora, foram classificadas como secundárias, como mero pano de fundo. É claro que a 'essência', neste caso, tem uma acentuação subjetiva, a tal ponto que talvez pareça impróprio designá-la com esse termo (LUKÁCS, 1967, p. 12).

Desta forma, na vida cotidiana, a mente distingue entre o que é essencial e o que é acessório na imagem formada do reflexo da realidade, fenômeno presente tanto em situações simples quanto em contextos sociais complexos. Essa distinção não se limita a impressões sensíveis, mas envolve uma práxis imediata e orientada pelo mundo, na qual o ser humano reage e seleciona elementos significativos para a ação. Conforme observa Lukács:

Como vimos, é uma característica da vida cotidiana que seus modos de manifestação tenham necessariamente um caráter prático imediato. Isso, sem dúvida, tem como consequência, por um lado, certas limitações dos modos de comportamento possíveis - a sociedade humana desenvolveu justamente os reflexos científicos e estéticos para superar essas limitações - mas, por outro lado, a práxis assim produzida contém o momento que é decisivo para a dominação do homem sobre o mundo ao seu redor, embora de uma forma que apenas nessa base não pode ser totalmente desenvolvida, a saber, o princípio correto: o reflexo aproximadamente adequado da realidade objetiva e seus critérios de verdade essenciais, com a prova do conhecimento obtido através da pedra de toque da prática. Já no nível mais primitivo do ser-homem, deve haver uma compreensão da realidade que seja pelo menos aproximada e consciente; caso contrário, esses seres vivos não teriam sido capazes de afirmar sua existência e menos ainda de se desenvolver para estágios superiores (LUKÁCS, 1967, p. 12-13).

Ademais, a realidade objetiva, em sua concretude e movimento histórico, orienta e condiciona o desenvolvimento das capacidades subjetivas fundamentais, especialmente aquelas relacionadas à distinção entre aparência e essência. É por meio da interação prática com o mundo — sobretudo no trabalho e nas atividades cotidianas — que essas capacidades se estruturam, permitindo ao sujeito selecionar, interpretar e reagir aos fenômenos de forma consciente. Assim, os parâmetros de validade das primeiras formas de apreensão, interpretação e resposta emergem da prática social, evidenciando que a relação entre sujeito e mundo não é passiva, mas um processo ativo de mediação entre realidade objetiva e ação humana.

O lado subjetivo deste processo seletivo do reflexo, mesmo no nível elementar da percepção, orienta-se de forma relativamente espontânea para o em-si da singularidade apreendida em cada situação. Trata-se de um movimento que exige identificar o que é essencial e o que é acessório na relação com a realidade. Esse filtro é, em última instância, determinado pelas necessidades e interesses vitais dos seres humanos, mediado pelo acúmulo de experiências e reflexos disponíveis ao longo da história (Lukács, 1967, p. 13).

Portanto, caso essa aproximação não ocorra, mesmo que minimamente, como pode suceder quando a seleção se baseia na subjetividade imediata, os seres humanos estarão fadados ao fracasso na realização de seus objetivos, ou uma seleção mais adequada deverá ser colocada em movimento. Para Lukács, o reflexo do movimento dialético e as categorias dialéticas representam elementos fundamentais da vida cotidiana. No entanto, esse reflexo não se desenvolve nem se generaliza de forma espontânea, aprofundando-se apenas por meio de mediações historicamente constituídas, como o trabalho, a ciência e a filosofia (Lukács, 1967).

Como a realidade objetiva é de natureza dialética, todo comportamento prático e intelectual dos humanos, e seu reflexo da realidade, devem ser adaptados a ela; tendências contrárias que temporariamente triunfam sempre têm, como no caso que acabamos de aludir, causas históricas específicas. Deste ponto de vista, deve-se também julgar o reflexo artístico da realidade. Sem reflexo da dialética da essência e da aparência, a orientação mais primitiva da vida é impossível, e nossas considerações anteriores mostraram que não é a ‘filosofia’ que dá às imagens fotográficas da realidade o título de conexões dialéticas; pelo contrário, estas já se encontram nas percepções mais simples, e o pensamento se limita (sem sempre conseguir) a esclarecê-las na consciência (LUKÁCS, 1967, p. 19).

Para caracterizar de forma mais precisa o pensamento e a prática imediata presentes na vida cotidiana, Lukács (1967) atribui papel central à análise da linguagem, tanto por sua natureza quanto pelas formas específicas que assume nesse âmbito. A linguagem, em conjunto com o trabalho, possibilita ao ser humano a constituição de uma interioridade própria e o estabelecimento de uma relação objetiva com o mundo. Essa emergência conjunta é decisiva, pois permite que o reflexo da realidade se organize não apenas de modo sensível e instintivo, mas também simbólico e consciente, preparando o terreno para formas superiores de mediação da realidade, como a ciência e a arte.

Nessa perspectiva, a linguagem se apresenta como elemento decisivo para a constituição da interioridade humana e para a mediação consciente do mundo. Pavlov explicita essa distinção fundamental entre humanos e animais ao abordar o surgimento do segundo sistema de

sinalização. Antes do *Homo sapiens*, os animais apenas reagiam a impressões imediatas de agentes externos, cujos estímulos atingiam diretamente os receptores do sistema nervoso central, sendo essas impressões os únicos sinais de objetos do mundo externo. Com a emergência da linguagem, surgem sinais de segunda ordem, como palavras faladas, ouvidas e visíveis, que permitem ao ser humano representar tanto o mundo externo quanto seu próprio mundo interno.

Esses sinais não servem apenas à comunicação entre indivíduos, mas também à reflexão interna, estabelecendo uma relação simbólica e consciente com a realidade. Segundo Pavlov, essa nova forma de mediação possibilitou a diferenciação de tipos humanos — artístico, pensador e médio — e, em escala mais ampla, pode ser observada inclusive em comunidades e nações inteiras, refletindo a importância da linguagem como instrumento fundamental para a prática, o pensamento e a organização social (PAVLOV apud LUKÁCS, 1963, p. 34-35).

Sendo a linguagem um segundo sistema de sinalização — que distingue qualitativamente os seres humanos dos animais —, sua origem está diretamente vinculada às necessidades do trabalho. Como ressalta Engels, os homens começaram a falar porque tinham algo a comunicar, sendo esse “algo” produzido pela prática material humana ao longo de seu desenvolvimento histórico. Nesse sentido, Lukács complementa:

A origem da linguagem a partir das necessidades de trabalho tornou-se uma época tão decisiva precisamente porque a nomeação de objetos e processos comprime situações ou operações que são complicadas em si mesmas, elimina suas diferenças individuais únicas e acentua e fixa o comum e essencial para todos eles; com isso, favorece-se extraordinariamente a continuidade da conquista, a habituação a ela, seu tornar-se tradição. Por outro lado, essa fixação difere daquela dos animais (que só tem reflexos condicionados e não condicionados) porque não se cristaliza em uma qualidade fisiológica imutável ou, pelo menos, dificilmente mutável, mas sempre conserva sua principal qualidade social, motora e móvel. Isso porque mesmo a fixação mais primitiva de objetos e conexões pela palavra já eleva a intuição e a representação a um nível conceitual. Assim, um passo para a consciência surge gradualmente da dialética do fenômeno e da essência; É verdade que isso ocorre no início de forma inconsciente, e por muito tempo, mas o sentido da palavra, nunca completamente rígido, a mudança de sentido das palavras utilizadas, indica que a síntese e a generalização intelectual, as características das propriedades sensíveis da palavra têm necessariamente um caráter fluido, determinado pela evolução social (LUKÁCS, 1963, p. 60).

A este respeito, Netto (2006, p. 24-25) destaca o papel central da linguagem para a vida humana, reforçando a análise de Lukács: todas as atividades humanas só se tornam possíveis com o concurso da linguagem articulada, que comunica e expressa os conhecimentos adquiridos por meio do reflexo e da autorreflexão constitutivos da consciência. A linguagem não apenas

exterioriza o pensamento, mas também o viabiliza; por meio dela, o ser social toma sua própria atividade e a si mesmo como objeto de reflexão, permitindo tanto o conhecimento da natureza quanto o autoconhecimento.

Assim, Lukács (1967) examina os germens da arte e da ciência a partir da gênese das objetivações iniciais, do trabalho e da linguagem, marcando o início da hominização da humanidade. Esse percurso permite identificar o ponto em que essas formas de atividade se separam das demais manifestações vitais humanas. Nesse sentido, a consciência e a linguagem percorrem um caminho que vai do sensível imediato, aquilo que percebemos diretamente, até o pensamento abstrato, mais elaborado e conceitual, expressando capacidades subjetivas e sociais historicamente desenvolvidas, cujas formas variam conforme as condições concretas da vida.

Como observa Marx (2007), a linguagem representa a consciência prática dos seres humanos, ou seja, a consciência que se exterioriza e se objetiva no mundo. Essa consciência não pode ser separada do ser consciente, assim como o ser consciente está necessariamente inserido nas circunstâncias sócio-materiais, históricas e concretas em que produz e reproduz a vida. Nesse contexto, Lukács (1967) retoma a perspectiva materialista para esclarecer a relação entre ser e consciência, afirmando:

Para o materialismo, a prioridade do ser é antes de tudo uma questão de fato: há ser sem consciência, mas não há consciência sem ser. Mas disso não segue de forma alguma uma subordinação hierárquica da consciência ao ser. Ao contrário: essa prioridade e seu reconhecimento concreto, teórico e prático pela consciência, finalmente criam a possibilidade de que a consciência realmente domine o ser. (LUKÁCS, 1963, p.19).

Sendo a linguagem a forma pela qual a consciência humana se realiza de modo prático — ou seja, como consciência objetivada e materializada no mundo social —, é possível supor que suas manifestações mais elementares estejam mais próximas do plano sensível. Por esse motivo, tais formas tendem a mobilizar e expressar conteúdos carregados de intensidade afetiva e emocional, assumindo um caráter imediato e expressivo.

Esse traço se evidencia, por exemplo, nas formas de comunicação baseadas em gestos miméticos, que não se restringem às formações sociais historicamente mais distantes, como aquelas associadas ao período mágico. Pelo contrário, essas formas permanecem presentes e atuantes na vida cotidiana, constituindo modos fundamentais de compreensão e interação entre os seres humanos.

É razoável sustentar que, em formações sociais historicamente mais recuadas, a “palavra imitativa” e o “gesto mimético” assumem papel predominante. Nesses contextos,

tanto a

expressão imediata quanto a ação prática se organizam fundamentalmente segundo a lógica da mimese. Esses modos elementares e sensíveis de relação com o mundo, voltados à apreensão e à comunicação prática dos conteúdos da realidade, exercem função decisiva no processo de constituição e desenvolvimento da cultura humana. Nesse sentido, Lukács afirma:

Deve-se notar agora, acima de tudo, que na vida cotidiana primitiva, a palavra imitativa ou mimética, e especialmente o gesto mimético, desempenham um papel muito mais considerável do que em níveis culturais superiores. Como é natural, todo tráfego entre os seres humanos contém uma alusão a certos fatos do mundo que os cerca e aos modos de reação resultantes. É por isso que o reflexo aproximadamente correto da realidade constitui essencialmente o fundamento imutável desse tráfego. Mas quanto mais complicadas as conexões da vida cotidiana se tornam, mais comprimida e detalhada se torna sua representação, e mais resolutamente a imitação original na comunicação tem de ser borrada, até o ponto de irreconhecível imediato (LUKÁCS, 1967.p.23-24).

Cabe apresentar, a título ilustrativo, o exemplo de comunicação mimética exposto por Lukács, extraído de um relato empírico envolvendo o antropólogo Max Schmidt e um indígena. Nesse caso, a comunicação não se efetiva prioritariamente por meio de conceitos abstratos. Ao contrário, ela ocorre por meio de gestos e expressões miméticas, nos quais o conteúdo, o percurso da ação e sua duração assumem um caráter performativo.

Max Schmidt descreve um caso dessa natureza de forma muito plástica. Ele conta que um indígena, ao ser questionado sobre a duração de uma viagem, “descreve com a mão um arco no ar, de acordo com a trajetória diária do sol, e a seguir faz o gesto de dormir. Repete o gesto quantas vezes forem necessários dias inteiros de viagem para o itinerário em questão. Por fim, para indicar a hora em que a meta será atingida no decorrer do último dia, aponta com a mão a altura do sol na hora programada de chegada. A mimese manifesta-se ainda mais claramente se for admitido com Schmidt que a repetição dos gestos não contém uma enumeração dos dias de viagem, isto é, que “o índio descreve realmente com os seus gestos o curso efetivo do percurso desde o ponto de vista do tempo. Cada vez que descreve o arco com o braço, tem em mente com toda a concretização o percurso de uma determinada etapa, e cada vez que faz o gesto de dormir indica precisamente um determinado acampamento ou local de descanso. Somos nós que somamos esses estágios e acampamentos e obtemos a representação de um determinado número de dias. Mas não é necessário que o índio tenha essa representação dada a sua forma de indicar a duração da viagem (LUKÁCS, 1967.p.24).

Dessa forma, nas formações sociais mais recuadas, tanto a expressão imediata quanto a própria realização dos fatos assumem caráter fundamentalmente mimético. Como observa Lukács, a comunicação em seus estágios iniciais, ao ultrapassar a simples indicação de objetos, recorre à mimese para alcançar certa univocidade. Nesse processo, a comunicação não se constitui como cópia direta da realidade. Pelo contrário, por meio de uma articulação entre abstração e seleção dos aspectos essenciais, a mimese possibilita, de maneira sensível, a compreensão de objetos e processos com apenas alguns gestos ou palavras.

Neste ponto, é necessário destacar o papel decisivo das formas gestuais-miméticas no surgimento e desenvolvimento das capacidades comunicativas humanas. Elas estruturam as formas de interação entre as pessoas e permitem a compreensão, substituição e comunicação dos conteúdos e categorias da realidade, da natureza e da sociedade em formas sensíveis e intensificadas.

São essas manifestações inaugurais que sustentam os primeiros modos humanos de apreender a realidade, comunicar experiências e reagir ou atuar no mundo. Mesmo com o tempo, essas formas iniciais não desaparecem; ao contrário, elas se rearticulam em diferentes níveis de desenvolvimento cultural e histórico.

Sob esse viés, os gestos miméticos permanecem como um elemento inerente aos processos de humanização. Eles constituem ferramentas básicas desses processos, desde as origens da comunicação humana até sua evolução em formas cada vez mais complexas e sociais. Nessas formas avançadas, os gestos coexistem com palavras, frases, ideias e conceitos, interagindo de maneira dialética e potencializando mutuamente a comunicação e a compreensão.

Portanto, a germinação do evocativo na vida cotidiana ocorre por meio da intensificação das capacidades expressivas. Esse processo envolve a seleção e condensação dos elementos essenciais da realidade, mediadas subjetivamente, que são então expressos de forma imediata e sensível. Essas expressões se materializam em gestos miméticos, capazes de suscitar ideias e sentimentos e de orientar a ação dos indivíduos. Um exemplo disso, vimos, no caso descrito pelo autor, em que um indígena utiliza gestos miméticos para comunicar ao antropólogo a duração e o percurso de sua viagem a um determinado local.

Cabe ressaltar que os gestos miméticos do indígena sintetizam e organizam, de forma imediata e sensível, uma rede complexa de mediações naturais e sociais, bem como conhecimentos, experiências e práticas historicamente constituídas em um dado território e sob condições materiais concretas.

Nesse contexto, observa-se que, nas manifestações evocativas típicas da vida cotidiana, os gestos miméticos não constituem um fim em si mesmos, mas funcionam como instrumentos para expressar e comunicar experiências. O principal é a relação com os fatos e eventos reais da vida, que devem provocar as evocações de forma concreta e significativa. Como afirma Lukács:

[...] nas manifestações evocativas típicas da vida cotidiana, o mimético só pode ser um elemento de comunicação total. O que é decisivo é o movimento dos homens pelos fatos e eventos da própria vida; é este que deve provocar as evocações com uma facticidade imutável na medida do possível; mesmo quando elementos miméticos são usados, eles têm que ser meros meios para trazer o próprio real à eficácia experiencial (LUKÁCS, 1967, p.73).

Dessa maneira, a mimese se apresenta como um veículo da experiência concreta, permitindo que o indivíduo se relacione com a realidade e transmita conteúdos de forma sensível, imediata e historicamente fundamentada. Nesse sentido, o gesto mimético concentra processos complexos e expressa, de forma intensiva, dimensões extensivas da experiência social. Assim, surgem as formas germinais do caráter e da força evocativa desses gestos na vida cotidiana.

Os traços mais marcantes da mimese cotidiana residem em sua capacidade de conformar, potencializar e realizar uma comunicação prática, concreta e direta, determinada por conteúdos reais. Por meio de apelos predominantemente emocionais e evocativos, os gestos miméticos buscam influenciar o entorno, afetando a consciência e o comportamento dos interlocutores e orientando-os em determinados caminhos de ação.

Além disso, de acordo com o autor, o gesto mimético funciona, do ponto de vista do desenvolvimento histórico da humanidade, como um sucedâneo do conceito: uma intenção inconsciente voltada a fixar e ordenar conceitualmente objetos, fatos e experiências. É nesse sentido que reside seu núcleo social. Consequentemente, no estágio do evocativo, essa função se manifesta de forma limitada, com uma espécie de “aura”, tanto pela incapacidade de expressar verbalmente conceitos quanto pelo enriquecimento progressivo dos objetos por meio da experiência acumulada. Lukács observa:

Consideramos óbvio que a arte, de posterior nascimento, se forma com esses componentes expressivos, inclusive que sem um largo processo que envolva as palavras, os gestos, as ações com uma tal ‘aura’, as artes não teriam podido encontrar materiais na vida, nem formas nascidas da vida e enriquecedoras, ao mesmo tempo, desta (nem, portanto, nenhuma disposição receptiva delas (LUKÁCS, 1966a, p. 27).

Assim, a mimese gestual constitui a base a partir da qual se desenvolvem formas culturais superiores, como a arte, possibilitando que a experiência prática e evocativa seja transformada em conteúdo socialmente compartilhado e progressivamente conceitualizado.

Nesse sentido, as formas gerais do reflexo e da mimese na vida cotidiana orientam-se para a apreensão e a comunicação de uma imagem tão adequada quanto possível da realidade em um dado momento histórico. Simultaneamente, na própria imagem refletida — de modo consciente ou espontâneo — são selecionados e acentuados os momentos essenciais da realidade enfrentada. Tal acentuação torna-se particularmente decisiva quando o reflexo precisa ser comunicado por meio dos recursos disponíveis — gestos e palavras — ou quando fundamenta uma ação prática concreta (Lukács, 1967, p. 25).

À medida que os seres humanos deixam de se apoiar em simples indicações imediatas dos objetos, passam a recorrer à representação de processos e relações com vistas a alcançar a maior univocidade possível em cada estágio do desenvolvimento histórico. O predomínio comunicativo do essencial, condensado em poucos gestos ou palavras, é, assim, o resultado de um longo processo evolutivo, no qual se torna possível compreender e orientar-se imediatamente diante de objetos e processos da realidade. É nesse sentido que Lukács afirma:

pois assim que foi além da mera indicação de objetos ou processos, a comunicação teve que apelar aos recursos da mimese para alcançar a modesta univocidade possível naquele nível evolutivo. É, no entanto, notável - e o exemplo que aduzimos prova-o plenamente - que a imitação aplicada nesta situação esteja ainda mais longe de ser uma fotocópia do modelo do que a própria percepção. É necessário um grau relativamente alto de abstração, um certo grau de acentuação inequívoca do essencial, para caracterizar objetos ou processos concretos com relativamente poucas palavras ou gestos, condição para que a caracterização seja instantaneamente compreensível (LUKÁCS, 1967.p. 25).

É a própria vida prática que, em primeiro plano, determina o que se torna essencial em cada situação concreta. As expressões verbais e gestuais são convencionadas — muitas vezes de modo rígido ou sob influências mágico-simbólicas — em função da facilitação que introduzem na troca e nas relações entre os seres humanos. Trata-se da capacidade de referir-se a ações, objetos ou processos por meio de significados firmes, unívocos, claros e concretos, capazes de orientar a comunicação e a ação. O critério decisivo dessa seleção é, como afirma Lukács, a univocidade ou a inequivocidade mais concentrada possível, isto é, a acentuação inequívoca do essencial (Lukács, 1967, p. 26).

Em determinadas circunstâncias, a intensificação sensível e a concentração expressiva permitem que conteúdos essenciais e socialmente mediados da realidade sejam condensados em formas imediatas e inequivocamente compreensíveis, constituindo uma espécie de aura evocativa própria do gesto mimético.

Segundo Lukács, as formas miméticas características da vida cotidiana, orientadas para a comunicação prática de conteúdos concretos, não se apresentam de modo neutro ou meramente informativo. Ao contrário, são inseparáveis de uma dimensão evocativa de caráter emocional, que acompanha e condiciona o processo comunicativo. Essa dinâmica se manifesta em situações cotidianas nas quais gestos simples — como um aceno, um olhar, um sorriso ou o choro — comunicam de modo direto e sensível conteúdos densamente mediados pela experiência social e histórica.

Tudo isso tem como consequência que nas manifestações evocativas típicas da vida cotidiana, o mimético só pode ser um elemento de comunicação total. O que é decisivo é o movimento dos homens pelos fatos e eventos da própria vida; é este que deve provocar as evocações com uma facticidade imutável na medida do possível; mesmo quando elementos miméticos são usados, eles têm que ser meros meios para trazer o próprio real à eficácia experiencial. O mimético evocativo é, sem dúvida, também na vida um elo de mediação — e muito importante — na experiencialidade da realidade, mas apenas isso, um elo de mediação, e a relação imediata com a reflexão é sempre e necessariamente superada também aqui, não só no conhecimento (LUKÁCS, 1967, p.73).

Desse modo, embora a mimese cotidiana já contenha momentos de abstração, acentuação do essencial e evocação sensível, tais elementos permanecem subordinados às exigências imediatas da práxis vital. O gesto mimético, mesmo quando intensifica e condensa processos extensivos, não se autonomiza como forma, mas funciona como meio para a comunicação prática, a orientação da ação e a reprodução da vida cotidiana.

No exemplo relatado por Lukács — referente à comunicação mimética estabelecida entre o indígena e o antropólogo — evidencia-se já a germinação do evocativo enquanto intensificação das capacidades expressivas humanas. Tal intensificação manifesta-se na reunião e concentração de elementos essenciais da realidade cotidiana, isto é, de múltiplas mediações naturais e sociais subjetivamente dominadas, que são condensadas e expressas de modo imediato e sensível sob a forma de gestos miméticos. Esses gestos, enquanto tais, mostram-se capazes de suscitar ideias e sentimentos, cumprindo simultaneamente a função prática de comunicar e orientar o deslocamento do antropólogo até um determinado lugar.

Para que essa comunicação se efetive, o indígena pressupõe e mobiliza um conjunto complexo de saberes concretos acerca do território: o relevo, a vegetação, o clima, a presença de animais, as formas de ocupação, bem como possíveis obstáculos, riscos e facilidades do percurso. A duração da marcha, sua direção e seu ritmo são, assim, condensados e expressos sensivelmente na comunicação gestual, o que implica um domínio prévio dessas mediações e

circunstâncias concretas.

Importa ressaltar que as formas miméticas próprias da vida cotidiana tendem a não se desprender dessas conexões imediatas e enérgicas com a realidade refletida: elas emergem e se realizam no próprio curso da vida cotidiana, em resposta a necessidades e problemas concretos da prática social. Nesse sentido, tratam-se de formas reais e reativas de objetivação, inseparáveis do movimento efetivo da vida.

Nesse cenário, caso um membro de uma comunidade precisasse comunicar, por meios predominantemente miméticos, por exemplo, a ocorrência de uma cheia iminente de um rio, provocada por chuvas intensas nos últimos dias e capaz de inundar áreas habitadas, também nesse caso a conformação mimética seria rigorosamente orientada pelos conteúdos objetivos da realidade a ser comunicada. A elevação progressiva do nível das águas, a velocidade da correnteza, os pontos críticos do território e os riscos associados seriam selecionados, acentuados e combinados em gestos, expressões corporais e ritmos de ação capazes de condensar essa situação complexa em uma forma sensível e imediatamente compreensível.

A escolha consciente dos elementos evocativos, a intensidade dos gestos, sua repetição ou aceleração, bem como a articulação entre diferentes sinais miméticos, funcionariam como meios a serviço de um fim prático preciso: advertir, orientar e mobilizar os outros membros da comunidade para evitar o perigo iminente. Assim, a mimese não se apresenta como reprodução indiferenciada dos acontecimentos, mas como uma síntese sensível, seletiva e teleologicamente orientada da realidade, capaz de intervir diretamente na conduta e nas decisões dos indivíduos no interior da vida cotidiana.

Em síntese, a mimese designa a representação concreta da realidade pelas quais fenômenos, objetos e processos são assimilados e comunicados mediante a condensação de seus aspectos essenciais. Trata-se de um elemento constitutivo que emerge no trabalho e se desenvolve na vida cotidiana.

É precisamente nesse limite interno da mimese cotidiana — onde o evocativo surge, mas não se afirma como finalidade própria, que se abrem as condições para o surgimento de formas superiores de objetivação. A arte nasce quando essa capacidade evocativa se desprende da função imediata da ação prática e passa a organizar-se segundo leis próprias, transformando o reflexo mimético em um modo específico e autônomo de apreensão e reprodução da realidade humana.

Por fim, a análise da gênese ontológica da mimese evidencia que, ao superar a percepção fragmentária e imediata própria da vida cotidiana, ela se constitui como um fundamento objetivo dos processos de consciência e da apreensão relativamente adequada da realidade social. A mimese revela-se, assim, uma condição necessária da interação humana e da orientação prática dos sujeitos no interior das relações sociais, desempenhando papel decisivo na constituição de uma práxis crítica.

Sob essa perspectiva, sua compreensão adquire particular relevância para o Serviço Social, na medida em que a intervenção profissional exige a apreensão das determinações essenciais da realidade concreta para além de suas aparências imediatas. É a partir dessa dimensão evocativa, ainda funcionalmente subordinada às exigências da reprodução da vida cotidiana, que se criam as condições históricas para o surgimento de formas específicas de criatividade e receptividade humanas.

Essas formas não emergem de modo imediato ou linear, mas por meio de mediações progressivas e contraditórias, nas quais a mimese passa a assumir configurações relativamente diferenciadas. Nesse percurso, destaca-se a mimese mágica como momento intermediário fundamental, no qual a capacidade evocativa se intensifica, embora ainda não se autonomize plenamente em relação à práxis vital imediata.

O capítulo seguinte dedica-se, portanto, à análise dessa transição decisiva, examinando a mimese mágica enquanto forma histórica específica e contraditória de objetivação. Tal investigação mostra-se indispensável para a compreensão da gênese do estético como um modo peculiar, relativamente autônomo e historicamente determinado de reflexo da realidade humana.

3 MIMESE, MAGIA E EVOCACÃO

Este capítulo analisa as mediações históricas que conduzem da mimese cotidiana às formas iniciais de constituição e autonomização do reflexo estético, tomando a magia como momento decisivo e contraditório desse processo. Partindo das determinações ontológicas já explicitadas, examina-se como as capacidades miméticas e evocativas, originárias da vida cotidiana e do trabalho, são sistematizadas nas práticas mágicas, nas quais a evocação assume centralidade na organização do reflexo da realidade.

Nesse percurso, o capítulo desenvolve-se em dois momentos articulados: inicialmente, examina-se a passagem da mimese cotidiana à magia; em seguida, analisam-se os germens da mimese estética que despontam no interior dessas formações mágicas, possibilitando a separação progressiva do reflexo estético em relação à magia e à religião. Tal análise permite compreender a constituição da arte como esfera relativamente autônoma da prática social e fundamentar subsídios para a realidade social.

3.1 Da vida cotidiana à magia como mediação histórica na constituição da mimese

Nas análises anteriores, identificamos determinações fundamentais para compreender as formas da mimese tal como se constituem, se transformam e se diferenciam ao longo do desenvolvimento contraditório da vida social.

Essas determinações abrangem desde as modalidades miméticas próprias do mundo animal, voltadas à apreensão de diferenças funcionais e à adaptação ao meio, até as particularidades que tornam a mimese humana qualitativamente distinta, sobretudo no âmbito do trabalho e, posteriormente, na vida cotidiana.

Essas formas originárias não desaparecem com o advento de modalidades mais complexas de objetivação; ao contrário, constituem pressupostos ontológicos insuprimíveis sobre os quais se erguem e se diferenciam manifestações especificamente humanas da mimese, como aquelas presentes na magia e, de modo ainda embrionário, na arte.

Para apreender a natureza dessas formas intermediárias, torna-se necessário submetê-las a uma análise mais detida, concentrando-nos, neste momento, não na arte propriamente dita, mas nas formas efetivas da vida social em que a mimese evocativa adquire nova configuração histórica.

Também já sabemos que a mimese, assim como as formas abstratas, é um reflexo da realidade objetiva. Sua especificidade reside, contudo, no fato de transpor esse reflexo diretamente para a prática humana, convertendo-o em ação sensível e socialmente orientada, característica que será decisiva para compreender sua reconfiguração histórica nas formas mágicas de relação com o mundo.

De acordo com Lukács, as práticas miméticas, fundadas no reflexo da realidade objetiva, podem ser compreendidas como uma espécie de “duplo” da realidade, isto é, como formas mediadas de reprodução prática e sensível do mundo. Trata-se de atividades que, em diferentes níveis ontológicos, assumem funções distintas: no plano animal, operam predominantemente como respostas instintivas e adaptativas; no plano humano, passam a configurar-se como práticas conscientes, socialmente mediadas, dotadas de caráter expressivo, comunicativo e, em determinadas circunstâncias, lúdico.

Em todos os casos, contudo, essas práticas contribuem para a preparação dos indivíduos e dos grupos frente às exigências da manutenção e da reprodução da vida, não no sentido de uma adaptação meramente subjetiva, mas enquanto mediações objetivas da práxis social. Uma de suas funções centrais consiste na fixação e transmissão de experiências historicamente relevantes: no mundo animal, por meio da consolidação de reflexos condicionados; no ser social, por meio de formas cada vez mais complexas de generalização prática, evocação sensível e comunicação, que asseguram a continuidade e a acumulação dessas experiências ao longo do desenvolvimento histórico.

Por isso, o trabalho assume importância decisiva, na medida em que suspende a relação imediata entre finalidade e resultado, bem como entre pensamento e ação, introduzindo mediações conscientes que exigem observação objetiva da realidade, determinação mais rigorosa dos fins e adequação dos meios às condições concretas existentes.

Nesse processo, o reflexo da dialética essência e aparência é progressivamente aguçado, aprofundado e generalizado pelo trabalho, sempre no interior de um desenvolvimento histórico longo, irregular e contraditório, no qual se formam e se transformam as capacidades humanas de apreensão e intervenção na realidade.

Com o trabalho, a mimese — enquanto “duplo” da realidade fundado sobre as bases do reflexo dialético, deixa de operar apenas como resposta imediata e passa a configurar-se como prática intencional e socialmente mediada de um sujeito histórico. Nesse movimento, ela

favorece a fixação, a transmissão e a consolidação dos domínios da cultura humana, dos saberes práticos e das formas subjetivas de apreensão e domínio do mundo, produzidas coletivamente pelos seres humanos em sua genericidade.

É nesse sentido que o reflexo da dialética da realidade, embora presente de modo elementar na vida cotidiana, somente se generaliza, aprofunda e alcança níveis superiores de consciência por meio de mediações historicamente determinadas, como afirma Lukács:

chegamos assim ao resultado de que o reflexo do movimento dialético, das categorias dialéticas, é um fato elementar da vida que, naturalmente, não se generaliza nem se aprofunda senão pelo trabalho e pela ciência, nem atinge a consciência senão pela filosofia (LUKÁCS, 1967, p.20).

Muitos dos saberes e práticas que, ao longo do desenvolvimento histórico, se consolidaram e passaram a integrar a vida cotidiana têm sua origem em processos intensos de objetivação, investigação e descoberta, nos quais os seres humanos exploraram e realizaram potencialidades latentes inscritas na materialidade do mundo.

Com o tempo, tais conquistas deixam de exigir, para cada indivíduo, o mesmo esforço originário de descoberta, sendo apropriadas e transmitidas predominantemente por meio de formas miméticas de aprendizagem, baseadas na observação direta e na imitação socialmente mediada. Desse modo, a mimese desempenha papel decisivo na incorporação prática desses saberes, assegurando sua continuidade e funcionalidade no interior da reprodução cotidiana da vida social.

Nesse sentido, torna-se necessário recuperar alguns traços fundamentais e específicos da mimese na vida cotidiana, compreendida como o solo ontológico originário a partir do qual emergem as necessidades que impulsionam atividades humanas mais diferenciadas, como a ciência e a arte.

É nesse âmbito primário da reprodução social que se constituem, de modo ainda não autonomizado, formas distintas de reflexo da realidade, determinadas pelas exigências históricas de enfrentamento de problemas concretos e pelo cumprimento de funções sociais que, em última instância, se realizam no interior da própria vida social.

A vida cotidiana, como visto no capítulo anterior, caracteriza-se por seu caráter prático- imediato, no qual a relação entre pensamento e ação se estabelece de forma direta. Embora o reflexo da dialética entre essência e aparência esteja nela presente, esse reflexo não se

desenvolve de modo pleno ou sistemático. Ainda assim, especialmente nos estágios iniciais do desenvolvimento humano e nas situações em que o domínio sobre a realidade é limitado, a prática assim constituída impõe-se como critério decisivo de verdade.

Desse modo, o êxito ou o fracasso de uma ação fundada no reflexo concreto, ainda que aproximado, da realidade determina a necessidade de novas tentativas, correções ou de um voltar-se mais atento e consciente ao fenômeno, processo ou objeto em questão. É nesse sentido que Lukács afirma:

Antes de tudo, porque o tráfego humano é sempre uma encruzilhada, um choque de esforços diversos e muitas vezes antagônicos. A tentativa do indivíduo de dirigir ou orientar as experiências e pensamentos dos outros é sempre interrompida, constantemente reorientada ou dispersa pelas ações dos outros, do ataque à defesa, etc. E como um mero meio para certos fins práticos concretos, esta intenção orientadora, do ponto de vista da vida cotidiana, cumpre seus fins ou falha com a satisfação factual ou o fracasso de seus objetivos. Este é seu único critério do ponto de vista da prática diária (LUKÁCS, 1967, p.68).

No que se refere a um dos problemas centrais desta investigação, a categoria da evocação, manifesta-se já como um fato elementar da vida cotidiana. Diversas situações objetivas da vida social são capazes de produzir efeitos evocativos espontâneos, como o medo diante de predadores, da caça, da guerra ou das múltiplas periculosidades que caracterizam o mundo externo.

Do mesmo modo, o reflexo aproximado da realidade e sua aplicação prática bem-sucedida, as relações de produção e as relações estabelecidas entre os homens, assim como o prazer, a alegria e o alívio despertados pela ritmização do trabalho e pelo ócio possibilitado por seu desenvolvimento, também engendram experiências evocativas, ligadas tanto à reprodução imediata quanto à estabilização da vida social.

Segundo Lukács, a evocação de impressões afetivas por meio da linguagem, dos gestos e das ações constitui um momento elementar e estrutural da vida cotidiana, anterior ao surgimento da arte e que não implica, por si só, uma forma artística. Ainda que carregue uma potência evocativa capaz de intensificar a experiência sensível da realidade, essa dimensão não se autonomiza imediatamente, permanecendo vinculada às exigências práticas da reprodução da vida.

A evocação cotidiana cumpre, assim, uma função fundamentalmente orientadora: dirige a apreensão de objetos concretos, mobiliza disposições afetivas e prepara os sujeitos para

determinadas ações práticas. Somente por meio de um complexo processo de mediações históricas e sociais essa capacidade evocativa pode desprender-se de sua função imediata e converter-se em forma artística.

É nesse sentido que, na ciência e na arte, se realizam os “homens inteiramente”, em uma superação dialética do “homem inteiro” da vida cotidiana, superação que não elimina o cotidiano, mas o eleva a um nível superior de reflexividade, universalização e objetivação consciente.

Essa oposição precisava ser radicalmente explicitada, levando-a ao extremo. Mas, ao fazer isso, as transições existentes, que são infinitamente matizadas, não devem ser negligenciadas. Basta pensar no trabalho, no qual, à medida que se torna mais perfeito, cresce a tendência para aquele aguçamento que acaba de ser analisado no sentido de “homem inteiramente”. O caráter da transição é responsável pela essência não total na maioria das operações de trabalho. Quando o trabalho, como no antigo artesanato, se aproxima da arte, o comportamento objetivo nele também se aproxima do artístico e, quando a racionalização é altamente desenvolvida, às vezes até científica. Muitos tipos de trabalho são, portanto, desse ponto de vista, fenômenos transicionais; Porém, por mais fundamentais que sejam para toda a vida humana, eles não cobrem mais do que uma parte da vida cotidiana. Nas outras partes, pela natureza da coisa, deve predominar o outro princípio, mais amplo, mais frouxo, menos orientado finalisticamente, que agrupa os homens (LUKÁCS, 1963, p. 79).

O evocativo constitui, assim, um fato elementar da vida cotidiana e das formas originárias de comunicação, marcadas por um forte conteúdo mimético. Ele emerge espontaneamente do trânsito social, dos acontecimentos e do movimento do ser social em suas situações vitais, tornando a realidade imediatamente experienciável e eficaz. Ao mesmo tempo, pode ser mobilizado de modo intencional como momento, elemento ou meio orientado à consecução de determinadas finalidades, sejam elas materiais, ideais ou afetivas.

Nesse sentido, nas relações inter-humanas próprias da vida cotidiana, a mimese de caráter evocativo tende a assumir papel preponderante, apoiando-se na vivência subjetiva relativamente espontânea dos sujeitos. Nesses contextos, a correspondência rigorosa entre o conteúdo expresso e a realidade objetiva não constitui o critério decisivo; a eficácia comunicativa da evocação reside sobretudo na intensidade sensível e na autenticidade da experiência transmitida, capazes de orientar percepções, disposições e ações práticas imediatas.

Conforme observa Lukács, ao exemplificar a situação de uma mãe profundamente abalada pela perda de seu filho, que irrompe em lamentos e exalta as virtudes do falecido, “é uma questão muito menor se os elogios em questão resistiriam ao teste da realidade” (Lukács, 1967, p. 72). Nesse tipo de manifestação evocativa, a comparação entre o conteúdo expresso e

realidade objetiva perde centralidade, pois não se trata de uma evocação orientada por critérios racionais ou objetivos.

Como assinala o autor, quando se fala em orientação, isso “significa na vida um enfraquecimento da espontaneidade, da sinceridade subjetiva e, portanto, da verdadeira fonte da ação evocativa” (Lukács, 1967, p. 72). Desse modo, qualquer tentativa de submeter tais expressões a um controle racional sistemático tende a comprometer justamente aquilo que lhes confere eficácia: a intensidade afetiva imediata e a autenticidade da vivência que se comunica sensivelmente.

Imaginemos, agora, a situação de um trabalhador que retorna de uma mina após um grave desmoronamento ocorrido dias antes, em que vários companheiros perderam a vida. Ao narrar o acontecimento aos colegas que não estavam presentes, ele recorre não a uma descrição factual minuciosa ou altamente racionalizada, mas a gestos amplos, à alteração do tom de voz, à repetição insistente de certas imagens — o “estrondo”, a “escuridão súbita”, o “silêncio pesado” que se seguiu.

Do ponto de vista estritamente objetivo, muitos detalhes de seu relato poderiam ser imprecisos ou exagerados: a duração do silêncio, a intensidade do ruído, o número exato de vítimas. Contudo, tais imprecisões são irrelevantes para a função que essa comunicação desempenha naquele contexto. O essencial é que sua fala e seus gestos evocam de modo imediato o medo, a tensão e a gravidade da situação vivida, produzindo nos ouvintes uma disposição afetiva adequada, atenção, cautela, solidariedade e até a decisão prática de evitar aquele setor da mina.

Se o narrador fosse interrompido por perguntas técnicas ou confrontado com dados objetivos — horários, medidas, números exatos —, tal intervenção não tornaria sua comunicação mais eficaz. Ao contrário, enfraqueceria sua força evocativa, dissolvendo a intensidade afetiva que constitui a verdadeira fonte de sua eficácia prática naquele momento.

Portanto, como no exemplo anterior, manifesta-se aqui o salto próprio da mimese evocativa, no qual a eficácia da comunicação não depende da comprovação exata do conteúdo narrado, mas de sua capacidade de condensar e expressar traços típicos da realidade.

Todavia, diante da impossibilidade de reconstituir com exatidão os primórdios históricos dessas formas expressivas, Lukács abstém-se de determinar se tais manifestações

devem ser compreendidas como germes da arte ou como expressões artísticas já desenvolvidas que, posteriormente, passam a enriquecer a própria vida cotidiana. De modo geral, em toda comunicação entre “homens inteiros” encontra-se implícita uma tendência a orientar o destinatário para determinados comportamentos, sentimentos ou disposições afetivas, suscitando, por exemplo, “a mais forte simpatia” diante do que é comunicado. Nas palavras do autor:

É verdade que em toda comunicação, e também nesta, há uma tendência implícita de orientar as experiências do receptor, pois a intenção de toda comunicação deve ser a de despertar a mais forte simpatia possível. Mas a tendência neste caso se refere à totalidade do conteúdo factual e emocional comunicado, e não à forma da comunicação, aos detalhes ou - acima de tudo - à sua disposição (ordenação) (LUKÁCS, 1967, p.70- 71).

Contudo, nessas situações, a orientação evocativa incide fundamentalmente sobre o conteúdo emocional manifesto da comunicação, e não sobre a forma específica de sua expressão, a qual permanece subordinada às necessidades imediatas da vida cotidiana e ainda não se autonomiza como princípio organizador da experiência.

Portanto, tanto as expressões miméticas quanto o momento evocativo que nelas se inscreve, bem como a intenção consciente de mobilizá-las, emergem diretamente da própria vida cotidiana, de modo espontâneo ou intencional, sem qualquer pretensão imediata ou disposição originária à arte.

Nesse sentido, as expressões mimético-evocativas próprias da vida cotidiana configuram-se como elementos de mediação fundamentais de toda comunicação humana, na medida em que tornam a realidade sensivelmente experienciável e eficaz no interior das relações sociais. Como assinala Lukács,

o que é decisivo é o movimento dos homens pelos fatos e eventos da própria vida; é este que deve provocar as evocações com uma facticidade imutável na medida do possível; mesmo quando elementos miméticos são usados, eles têm que ser meros meios para trazer o próprio real à eficácia experiencial. O mimético evocativo é, sem dúvida, também na vida um elo de mediação —e muito importante— na experiencialidade da realidade, mas apenas isso, um elo de mediação, e a relação imediata com o reflexo é sempre e necessariamente superada também aqui, não só no conhecimento (LUKÁCS, 1967, p.73).

É a partir dessas tendências e desses materiais, posteriormente recolhidos e desenvolvidos, que se encontra o germe da possibilidade de uma transformação qualitativa, a

qual será desencadeada, como veremos adiante, pela prática e pela concepção mágica de mundo.

Antes, contudo, torna-se necessário aprofundar ainda mais os fundamentos da íntima relação entre o mimético e o evocativo, tal como se enraízam na vida cotidiana. Um desses fundamentos decisivos é aquilo que Lukács denomina “fantasia do movimento” (1967): um momento originado diretamente da prática vital, no qual se revela o caráter elementar da imitação na vida humana e que se constitui como um pressuposto ontológico tanto do nascimento quanto da eficácia histórica da arte.

Avançando na análise da relação entre mimese e evocação, observa-se que essa ligação elementar se fundamenta no desenvolvimento e na diferenciação dos sentidos proporcionados pelo trabalho. Nesse processo, a fantasia motora desempenha papel central: ela permite que os indivíduos se tornem mais ágeis e habilidosos em suas atividades práticas, antecipem a direção de um movimento a partir de um gesto e reproduzam evocativamente ações observadas. Lukács (1967, p. 66) exemplifica: que a imitação de um ato de movimento pode reproduzir evocativamente o próprio movimento na fantasia do espectador. O mesmo pode ser dito, é claro, em relação aos ruídos, à nomeação de certas ações por palavras, e assim por diante.

Dessa forma, a fantasia motora evidencia como a experiência prática e a imitação se articulam para tornar o mundo vivenciável, formando uma base essencial para a mediação evocativa presente na vida cotidiana e, posteriormente, nas práticas simbólicas e artísticas.

Consideremos uma situação cotidiana mais neutra: durante uma aula de dança, um instrutor demonstra um passo complexo com gestos amplos e precisos. O aluno, observando o movimento, antecipa em sua própria fantasia motora a sequência de gestos antes mesmo de executá-los, ajustando postura, ritmo e intensidade. Nesse processo, reproduz evocativamente o movimento observado, preparando-se para a ação prática.

Como observa Lukács, “aqui também a dialética da essência e da aparência está em ação. Quanto mais desenvolvida a fantasia do movimento, mais remotas e elaboradas são as aparências que, dessa forma, podem se tornar experiências de ação imediata e evocativa” (Lukács, 1967, p. 66).

Segundo Lukács (1967), a possibilidade de um efeito evocativo espontâneo decorre da natureza vital dos conteúdos, isto é, dos processos de produção e reprodução da própria vida,

vividos e experienciados por cada indivíduo. Essa evocação elementar não se restringe a fenômenos naturais, mas abrange também as relações humanas, tanto privadas quanto coletivas, assim como acontecimentos pessoais e sociais, que podem gerar efeitos evocativos de forma casual e sem intenção consciente.

A partir dessa espontaneidade surge, posteriormente, o uso intencional da evocação, quando o indivíduo passa a mobilizá-la de maneira consciente para atingir determinados propósitos ou objetivos comunicativos.

Em perspectiva histórica, outro aspecto da prática cotidiana que fundamenta a ligação entre mimese e evocação é o desenvolvimento e a divisão social do trabalho entre os sentidos. Com esse progresso, a visão e a audição humanas se expandem para além do âmbito laboral, tornando-se instrumentos fundamentais para o trânsito e a compreensão dos seres humanos entre si. Essa expansão sensorial permite perceber propriedades e características que não seriam apreensíveis apenas pela observação direta ou pela escuta, como o peso de um objeto ou a sinceridade de um interlocutor.

Ademais, fenômenos complexos da vida social passam a ser apreendidos de forma imediata, sem necessidade de análise intelectual detalhada. Assim, formas de objetividade que originalmente parecem distantes ou inacessíveis tornam-se sensivelmente interpretáveis, permitindo que os indivíduos respondam de maneira eficaz às situações da vida cotidiana.

Um exemplo empírico desse processo pode ser observado em um chefe de cozinha experiente. Ao observar um ajudante cortar legumes, ele consegue antecipar pelo gesto a precisão da lâmina, a velocidade do corte e até o risco de machucar os dedos. Mesmo sem tocar no alimento ou medir com instrumentos, percebe qualidades invisíveis do movimento e do objeto: a firmeza da mão, a densidade da cenoura, a inclinação da faca.

Esses desenvolvimentos mostram que a evocação não é um acréscimo subjetivo à mimese, mas uma capacidade historicamente formada, essa capacidade resulta de anos de prática diária e atenção concentrada, desenvolvida pelo trabalho e pela experiência sensível. Nesse cenário, o gesto do ajudante é evocado na mente do chefe, permitindo prever e orientar a ação antes que qualquer incidente ocorra. A percepção vai além do visível e do audível: é uma apreensão sensível e imediata da realidade, mediada pela experiência prática, articulando mimese e evocação como instrumentos de orientação e antecipação da ação.

De acordo com Lukács (1967, p. 67), os sentidos superiores, principalmente a visão e a audição, desenvolvem uma tendência à universalidade que vai além das exigências imediatas do trabalho. Essa expansão permite que os indivíduos compreendam e interpretem não apenas os objetos materiais, mas também as relações sociais e o conhecimento acumulado ao longo da experiência histórica.

Por exemplo, durante uma conversa, uma pessoa pode perceber, pelo tom de voz ou pelo gesto sutil de seu interlocutor, intenções, sentimentos ou contradições que não estão explicitamente expressos. Esse progresso sensorial está intimamente ligado à divisão social do trabalho, pois é nela que a percepção se aperfeiçoa e se universaliza, tornando possível captar nuances e significados que transcendem o simples domínio prático ou instrumental.

Nesse processo de desenvolvimento sensorial, os indivíduos adquirem a capacidade de tornar experiências, conteúdos e formas visíveis e audíveis de maneira imediata, enquanto simultaneamente desenvolvem a habilidade de interpretar e avaliar essas experiências e comportamentos. Essas capacidades embasam as relações e trocas sociais, permitindo aos seres humanos apreender aspectos complexos da vida coletiva. Contudo, não se trata apenas de um refinamento sensorial, conforme esclarece o autor:

[...] a universalidade da visão e da audição faz com que percebamos visual e auditivamente fenômenos que, imediatamente, não podem ser vistos ou ouvidos; Mais precisamente: na visão e na audição humanas, as capacidades receptivas são formadas graças às quais se tornam não apenas perceptíveis, mas até interpretáveis e estimáveis espontaneamente em sua própria mediação sensível, formas de objetividade e expressividade muito mediadas e distantes no terreno direto desses dois sentidos (LUKÁCS, 1967, p.67).

Portanto, os sentidos superiores não apenas captam o mundo imediato, mas também permitem perceber e interpretar, de maneira intuitiva, realidades complexas e mediadas que não seriam acessíveis diretamente aos sentidos, tornando a experiência humana mais rica e socialmente significativa.

Podemos observar que tanto a fantasia de movimento quanto o desenvolvimento dos sentidos têm sua origem no trabalho. Eles resultam do refinamento do reflexo dialético entre essência e aparência, uma necessidade da prática que vai além da simples espontaneidade e exige esforço ativo para compreender e agir sobre o mundo.

Assim como ocorre na fantasia motora, esses processos permitem produzir sínteses sensível-evocativas da realidade, capazes de orientar a ação imediata. Essa capacidade encontra sua correspondência subjetiva: são os sujeitos inteiros, com pensamentos, sentimentos,

experiências e paixões, que reagem ao mundo ao seu redor, mobilizando simultaneamente percepção, emoção e ação.

Toda evocação e manifestação emocional na vida cotidiana tem fundamentos objetivos claros, tanto internos quanto externos. Esses fundamentos incluem a factualidade concreta da realidade, natural e social, que existe independentemente da consciência humana. Essa realidade provoca efeitos correspondentes nos indivíduos, atuando sobre emissores e receptores em toda a sua integralidade, os “seres humanos inteiros”, que experienciam, trabalham e compartilham a complexidade da vida social.

As tendências, elementos e materiais expressivos analisados até aqui percorrem caminhos extensos de transformação e transposição antes de atingirem a gênese da arte. O ponto de partida desse processo é a magia. No chamado período mágico, coexistem múltiplas tendências que apontam para o científico, o religioso, o artístico e outros domínios.

Nessa etapa, predomina o pensamento analógico, pelos quais fenômenos, objetos e processos aparentemente desconectados são relacionados por meio de reflexos imediatos, semelhanças ou características salientes que “saltam à vista”, fornecendo determinações gerais e iniciais sobre a realidade.

Vale ressaltar que, de acordo com o autor, a separação da arte em relação à vida cotidiana, à magia e à religião ocorre de forma mais lenta e tortuosa do que no caso da ciência. A magia, por sua vez, abrange os conteúdos essenciais da vida cotidiana, interpretando, reorganizando e desenvolvendo tendências e elementos da realidade em práticas simbólicas e rituais. As manifestações e expressões dessa esfera estavam intrinsecamente ligadas à magia, tanto em seu conteúdo quanto em sua forma. Assim, o autor esclarece:

A passagem desses fenômenos miméticos da prática cotidiana para o campo da arte apresenta etapas intermediárias não menos graduais e não mais precisas. Já dissemos várias vezes que na prática mágica os germes do que mais tarde se tornariam os modos independentes de comportamento da arte e da ciência ainda são indiferenciados. O processo de separação ou desprendimento dos modos de comportamento artístico é, como também destacamos, o mais lento dos dois, embora —ou talvez: porque— possam revelar, já em estágios muito iniciais, certos traços essenciais próprios, peculiaridade mais claramente do que os modos de comportamento científico. Não nos referimos apenas ao princípio antropomorfizante próprio da conformação artística (LUKÁCS, 1967, p.33).

Essa complexa separação se explica não apenas pelo princípio antropomórfico, que conecta arte, magia e religião, ainda que diferenças internas existam entre essas esferas, mas também pela tendência das formas miméticas à evocação. Esta tendência é um fato elementar da

vida cotidiana: manifesta-se espontaneamente em toda comunicação mimética e pode ser empregada intencionalmente para atingir determinados objetivos.

Entre os elementos que historicamente vinculam a magia à arte, destacam-se o princípio antropomórfico e a função evocativa. A magia é antropomórfica por natureza, pois projeta sobre a realidade objetiva as forças e capacidades humanas, conectando os sujeitos ao mundo ao redor. Além disso, a magia exerce sempre um papel evocativo: visa convencer os membros da comunidade, despertando fé e crença na eficácia de seus rituais, tanto na prática quanto em termos ideais.

Outro aspecto importante da magia é a relação com o transcendente. Ao tentar influenciar forças ou entidades além do mundo imediato, os seres humanos recorrem a procedimentos que acionam o caráter evocativo das práticas mágicas.

O modo de expressão central nos tempos primitivos - central em termos de "concepção do mundo" e central do ponto de vista "prático-social" - que é a magia entendida no sentido mais amplo, sempre tem propósitos evocativos. E não só porque requer uma influência evocativa sobre a comunidade, às vezes até a produção de êxtase, para que a necessária fé cega nas cerimônias mágicas surja naquela comunidade, mas também porque as relações, profundamente enraizadas nas concepções mágicas básicas, com forças a serem influenciadas negativa ou positivamente, provocam uma intenção evocativa. Desta forma, a magia reúne, sistematiza e desenvolve inúmeras tendências da vida cotidiana (LUKÁCS, 1967, p.35).

A concepção de mundo mágica, segundo Lukács, baseia-se na crença de que a imitação de fatos, processos ou traços da realidade pode influenciar os acontecimentos de forma positiva ou negativa. Exemplos incluem a dança guerreira, que simula o combate para garantir a vitória; práticas agrícolas que imitam a colheita ou as mudanças das estações, visando favorecer a primavera; e a manipulação de fragmentos corporais, como cabelos ou unhas, com a intenção de prejudicar adversários.

Para Frazer, a magia, enquanto prática social, desempenha uma função evocativa, despertando fé e convicção na comunidade. Ao agir sobre forças percebidas como desconhecidas — mas consideradas suscetíveis à influência pela imitação —, a magia incide tanto sobre os fenômenos quanto sobre a subjetividade dos indivíduos. Nessa perspectiva, como observa Lukács (1967, p. 36), a magia organiza, sistematiza e intensifica tendências presentes na vida cotidiana, tendo a mimese como elemento central na elaboração dessas sínteses. Nas palavras do autor:

Frazer identifica duas convicções essenciais da era da bruxaria: primeiro, que o mago, "por imitação, pode produzir os efeitos que desejar", segundo, que "tudo o que o mago fizer a um objeto material fará o mesmo... na pessoa que esteve em contato com aquele objeto, seja ele parte dessa pessoa ou não." Na segunda espécie, o que Frazer chama de "magia de transmissão", a imitação também está frequentemente presente. Frazer chega a concluir "que a magia de transmissão pressupõe a aplicação do princípio homeopático ou mimético, enquanto a magia homeopática ou de imitação pode ser exercida independentemente". Resumindo o mais geral, é a crença de que ao imitar fatos ou objetos da realidade, ela pode ser influenciada no sentido desejado. Segue-se que a imitação deve ser o mais concreta possível; pelo menos o ponto de partida da representação mimética tem que ser a própria realidade, e não um reflexo abstrativo de momentos individuais da vida, como ocorre na ornamentação (LUKÁCS, 1967, p.35).

Portanto, a prática mágica tem como ponto de partida a própria realidade concreta, e não um reflexo abstrato ou meramente formal da vida. Mesmo nas formas mais primitivas da vida cotidiana, preserva um caráter dialético: ele se orienta pela apreensão do essencial, sem jamais se reduzir a uma reprodução mecânica ou imediata da realidade.

De acordo com o autor, a peculiaridade da dialética está precisamente implicada na imitação mágica que cria as condições históricas para a formação da arte mimética e para o tipo específico de receptividade que ela exige. É a partir dessa base que a magia realiza sínteses específicas, reunindo aspectos dispersos da natureza e da sociedade, acentuando aquilo que é considerado essencial em função de determinados fins práticos e excluindo elementos que poderiam interferir de modo casual em seus resultados (Lukács, 1967, p. 37). Nesse sentido, esclarece o autor:

A peculiaridade da dialética que domina este problema faz com que a arte mimética e a receptividade artística que ela exige e traz consigo se forme e fortaleça durante aquela ocultação após a imitação mágica, de tal forma que quando a evolução social produziu e reproduziu os conteúdos, modos de comportamento, etc., que descrevemos, com suficiente intensidade, a reflexão estética da realidade é separada daquela comunidade que não corresponde à sua essência e pode ser constituída de forma independente e substantiva, embora naturalmente lenta, irregularmente, contraditoriamente, e muitas vezes com crises profundas (LUKÁCS, 1967, p.42).

No decorrer do desenvolvimento social, à medida que certos conteúdos, formas de comportamento e modos de relação com o mundo se intensificam e se estabilizam, o reflexo da estética da realidade passa a se diferenciar daquela comunidade e daquela função que já não corresponde à sua essência. Esse processo conduz à constituição da arte como uma esfera relativamente autônoma, ainda que tal separação ocorra de maneira lenta, irregular e contraditória, frequentemente marcada por tensões e crises profundas (Lukács, 1967, p. 42).

Portanto, as crenças e práticas mágicas surgem em contextos nos quais os seres humanos iregularrecoem a projeções antropomórficas para lidar com fenômenos naturais ou sociais que escapam ao seu controle direto. Nesses casos, as capacidades individuais e coletivas — conhecimentos, habilidades e experiências práticas — revelam-se insuficientes, e a magia surge para tentar dominar ou influenciar a realidade. Assim, o autor esclarece.

Acreditamos que basta aludir a esse conteúdo fundamental de toda arte para ver claramente a impossibilidade dele aparecer substantivamente no início da evolução humana. Todos admitem – e etnólogos e antropólogos sensatos já o demonstraram várias vezes – que toda arte pressupõe um certo grau evolutivo da técnica. Mas agora também se entende que o período preparatório da arte exige outras coisas: sobretudo uma atitude particular em relação à realidade, uma atitude que, além de quase nunca ser plenamente consciente, não pode ser implantada até relativamente tarde, porque seu conteúdo deve basear-se em uma ampla sujeição do mundo exterior, uma certa segurança do homem em si mesmo, conquistado na luta pelo domínio do mundo externo, sua confiança em suas próprias realizações e habilidades (LUKÁCS, 1967, p. 42).

Assim, os elementos que constituem a mimese mágica e a mimese cotidiana compartilham uma mesma base material, extraída da realidade objetiva e subjetiva, da natureza e da vida social dos seres humanos. Em ambos os casos, observa-se uma relação estreita entre experiência subjetiva e mundo exterior, na qual o reflexo da realidade se articula diretamente com a ação prática.

Essa articulação não apenas permite a apreensão imediata da realidade, mas também incorpora o caráter evocativo, elemento central que orienta comportamentos, sentimentos e disposições afetivas. Nessas práticas, torna-se evidente que os componentes miméticos e evocativos passam por uma transformação profunda, alterando sua função, sua posição e seu modo de operar, à medida que se afastam das formas próprias da mimese cotidiana.

De acordo com Lukács, no âmbito da vida cotidiana, a mimese aparece como uma reação concreta e imediata, orientada à comunicação de aspectos da realidade e à mediação prática entre os indivíduos. Já no contexto mágico, ela assume a forma de um reflexo elaborado, empregado com a finalidade de simular, exercitar e provocar determinados sentimentos, valores ou representações.

Nesse sentido, a evocação, embora presente em ambos os níveis, desempenha papéis distintos. Na vida cotidiana, ela atua de maneira subordinada, como instrumento a serviço da comunicação e da ação prática. Na magia, ao contrário, a evocação desloca-se para o centro do

processo, convertendo-se em objetivo fundamental da própria prática. Assim sendo, Lukács esclarece.

Na análise do reflexo da vida cotidiana descobrimos a evocação de idéias, sentimentos, etc., como um momento importante, principalmente no trânsito entre homens. A evocação mágica de ações, por exemplo, difere desse ponto de vista da prática normal da vida cotidiana, pois o elemento evocativo está localizado radicalmente no centro. Por exemplo, quando na vida cotidiana um homem quer despertar certas idéias ou certos sentimentos em outro, sua intenção é convencer esse homem específico de tal coisa específica; Por outro lado, na imitação mágica de tal fato, o que importa na representação é despertar em toda uma série de espectadores e ouvintes a impressão de que aquele processo de convicção já foi consumado por ambas as partes: convencer e ser convencido, o que constituem o principal da vida, agora tornam-se meios, conteúdos a serem moldados e formas que formam, com o auxílio do qual se tenta dar ao incidente representado como unidade sensível imediata a capacidade de suscitar as ideias ou sentimentos desejados (LUKÁCS, 1967, p.42).

Nesse contexto, o autor aborda que no processo de sistematização e aprofundamento mágico de tendências oriundas da vida cotidiana, emerge o impulso das formações miméticas orientadas por finalidades evocativas. Aquilo que, na vida cotidiana, se apresenta como um momento intermediário da comunicação social — seja de modo espontâneo, seja intencional — passa, na mimese mágico-representativa da realidade, a ocupar uma posição central, funcionando como princípio regulador do próprio reflexo.

Essa centralidade da evocação exige uma referência rigorosa a fenômenos e processos da realidade que, em si mesmos, encontram-se dispersos e distantes entre si. Por essa razão, a reprodução mimética precisa atingir o máximo de concreção possível. Não se trata de reproduzir aspectos isolados, mas de reconstruir mimeticamente processos em suas determinações essenciais, isto é, enquanto momentos da troca entre sociedade e natureza.

A título de ilustração, podemos exemplificar, uma situação nas práticas mágicas ligadas à agricultura: em que não se imita apenas o crescimento visível das plantas ou um instante específico do trabalho no campo, mas se busca reproduzir, de forma condensada e evocativa, o ciclo essencial da fertilidade — a relação entre o solo, as estações, o trabalho humano e a expectativa da colheita.

Nessa perspectiva, a mimese mágica opera por meio de sínteses orientadas por finalidades práticas e simbólicas, destacando o essencial dos processos vitais e suprimindo elementos contingentes que poderiam enfraquecer sua eficácia evocativa, de modo a tornar sensivelmente eficaz a evocação do resultado desejado.

Mas a magia é sempre rigidamente cerimonial. Do ponto de vista mágico, as formações miméticas são sempre feitiços, rituais. A tendência de fixar ritualmente notas sonoras, palavras, gestos decorre inevitavelmente do ciclo das representações mágicas, em que

os resultados objetivos a serem alcançados pelo rito, dominação ou influência de poderes transcendentais estão ligados a certas palavras, a certos gestos, etc. ., todos colocados em uma determinada série (LUKÁCS, 1967, p.57).

Desse modo, a mimese mágica orienta-se para a tentativa de influenciar as forças que, segundo essa concepção de mundo, regem o curso da realidade, respondendo a necessidades concretas da vida social. Contudo, como os processos vitais aos quais ela se refere são reais e frequentemente se desdobram ao longo de períodos extensos — dias, semanas ou mesmo meses —, o êxito ou o fracasso dessas ações não pode ser imediatamente verificado pela comunidade.

Por essa razão, a eficácia da prática mágica desloca-se para o plano imediato da recepção sensível: ela se dirige diretamente aos espectadores e ouvintes do ritual, atuando sobretudo na evocação de idéias, sentimentos, disposições afetivas e padrões de comportamento determinados. É nessa capacidade de produzir efeitos subjetivos imediatos que reside o núcleo de sua força prática e social.

Os processos vitais reais da qual a evocação faz parte na vida cotidiana ou que são postos em movimentos por ela, tornam-se conteúdos imitados e moldados por formas “com o auxílio do qual se tenta dar ao incidente representado como unidade sensível imediata a capacidade de suscitar as ideias ou sentimentos desejados” (Lukács, 1967, p. 43).

Na vida cotidiana, processos como a caça, a guerra ou a colheita são reais e vitais, assim como o é a tentativa de convencimento mimético-evocativo que os acompanha, desde o início até a realização efetiva da ação. Nesses casos, a evocação integra o próprio curso da prática, subordinada ao êxito ou fracasso reais do processo.

Na imitação, ao contrário, o processo aparece como já dado e concluído: parte-se de um desfecho pressuposto como vitorioso e, a partir dele, modelam-se seletivamente os movimentos e momentos essenciais que teriam conduzido a esse resultado. O objetivo não é agir diretamente sobre a realidade, mas suscitar nos receptores a impressão da vitória, convencendo-os e evocando disposições, sentimentos e expectativas correspondentes. Conforme aborda o autor:

(...) a transcendência aspira, com sua imitação de processos, influenciar forças que supostamente dominam as constelações reais cuja reprodução antecipatória é a formação mimética correspondente. (Imitação de guerra, caça, etc., na dança, para influenciar favoravelmente o resultado da atividade futura) (LUKÁCS, 1967, p.44).

Diante do desconhecimento das causalidades reais que regem os fenômenos naturais e sociais, a consciência mágica tende a pressupor a existência de forças ocultas ou instâncias transcendentais situadas por trás da aparência imediata da realidade, concebidas como determinantes de seus acontecimentos. Com base nessa interpretação, desenvolvem-se práticas mágicas — rituais, cerimônias e exercícios simbólicos — que buscam intervir, influenciar ou submeter tais potências em favor da comunidade.

Nesse contexto, podemos considerar que nessas práticas mimético-evocativas, observa-se que a realidade não é reproduzida de modo indiferenciado, mas reorganizada segundo critérios práticos e socialmente determinados. Os processos vitais são condensados, seus momentos decisivos são destacados, enquanto aspectos secundários ou casuais são deixados de lado.

Essa seleção não decorre de uma intenção estética consciente, mas da necessidade de tornar a realidade eficaz para fins concretos, compreensíveis e comunicáveis no interior da comunidade. Assim, as sínteses realizadas não se orientam pela singularidade imediata dos acontecimentos, mas pelo aquilo que neles se apresenta como essencial, recorrente e decisivo para a reprodução da vida social.

Dessa forma, a análise da mimese cotidiana, de sua dimensão evocativa e de sua configuração mágica permite apreender um momento decisivo do desenvolvimento histórico das formas de reflexo da realidade. Nesses âmbitos, a evocação, inicialmente meio da comunicação e da orientação prática, passa a concentrar-se como finalidade específica, reorganizando os conteúdos vitais da experiência humana segundo critérios de essencialidade, condensação e eficácia sensível.

É a partir dessas sínteses — ainda não autonomizadas, mas já portadoras de um excedente expressivo — que se abrem as condições ontológicas para o despontamento da mimese estética enquanto forma particular e historicamente determinada de apreensão da realidade. Compreender esse percurso é igualmente fundamental para o Serviço Social contemporâneo, na medida em que sua prática se inscreve no interior da vida cotidiana, lidando com processos sociais permeados por dimensões simbólicas, afetivas e evocativas que incidem diretamente sobre a consciência, a ação e a orientação dos sujeitos sociais.

O capítulo seguinte dedica-se, portanto, à análise desses gérmenes e do processo de emergência da mimese estética, investigando como tais determinações se reconfiguram e se

autonomizam, sem perder de vista sua raiz ontológica na prática social e sua relevância para uma intervenção profissional crítica e historicamente situada.

3.2 Gérmenes e Despontamento da Mimese Estética

Nas nossas excursões anteriores, examinou-se como as formas miméticas e evocativas emergem da vida cotidiana, do trabalho e da prática social, desempenhando inicialmente funções diretamente vinculadas à sobrevivência, à comunicação inter-humana e à organização sensível da experiência. Nessas condições originárias, a mimese apresenta-se como momento imanente da práxis social, inseparável das necessidades concretas de produção e reprodução da vida.

Observou-se, ainda, que essas formas, ao serem sistematizadas no âmbito da magia, passam por uma transformação qualitativa decisiva: a evocação deixa de operar como simples meio da comunicação cotidiana e passa a ocupar uma posição central, reguladora do reflexo da realidade. Tal deslocamento está associado à constituição de concepções de mundo marcadas pelo antropomorfismo e pela transcendência, nas quais o reflexo mimético pretende intervir causalmente sobre o curso dos fenômenos, identificando-se com a própria realidade objetiva.

É precisamente nesse terreno contraditório que, segundo Lukács, se constituem as condições históricas e sociais para o surgimento de capacidades e categorias propriamente estéticas. As formas miméticas, ao mesmo tempo em que conservam determinações fundamentais herdadas da magia, como o caráter evocativo e a centralidade da imitação, passam a desenvolver novas funções e sentidos.

Instaura-se, assim, uma contradição interna dialética: a mimese estética coincide com a mimese mágica em sua base antropomórfica originária, mas dela se distancia progressivamente quanto à função social, ao estatuto do reflexo e à relação estabelecida com a realidade. Como assinala Lukács:

A nova tarefa, aquela que dá lugar à refiguração propriamente estética da realidade, é colocada pela imitação mágica (...). Só o processo de separação do reflexo estético da vida cotidiana lhe oferece a possibilidade de posteriormente se separar da magia (e da religião), tornar-se independente e assumir sua função própria na vida total da sociedade (LUKÁCS, 1967, p.74).

Nesse sentido, o presente capítulo tem como objetivo investigar os gérmenes e o despontamento da mimese estética, isto é, o processo pelo qual, no interior das práticas miméticas mágicas, começam a se formar reflexos que já não se orientam pela pretensão de intervir causalmente sobre forças transcendentais, mas pela elaboração sensível, consciente e cismundana da realidade humana.

Segundo Lukács, esse processo não se desenvolve de maneira linear ou abrupta, mas por meio de um movimento lento, irregular e profundamente contraditório, enraizado no desenvolvimento histórico das capacidades sociais, no alargamento dos domínios subjetivos e práticos dos seres humanos e na constituição de um mundo propriamente humano.

Trata-se de um movimento dialético no qual as formas estéticas, ao mesmo tempo que conservam elementos herdados da magia, passam a diferenciar-se dela quanto à função social da mimese, ao estatuto do reflexo e à relação entre subjetividade e mundo.

Nesse movimento de diferenciação, o elemento decisivo que orienta a separação progressiva entre mimese mágica e mimese estética, reside na mudança do horizonte ontológico a partir do qual o reflexo da realidade é produzido e validado. Enquanto a magia permanece estruturalmente vinculada à transcendência, isto é, à suposição de forças externas, ocultas e sensíveis que governariam o curso dos fenômenos, a mimese estética desponta na medida em que o reflexo mimético se reorienta para a cismundandade, para o mundo humano concreto, historicamente produzido e socialmente compartilhado.

De acordo com o autor, tal reorientação não implica a negação imediata dos elementos mágicos, mas sua superação dialética. O que antes pretendia agir causalmente sobre a realidade passa a configurar-se como forma sensível de apreensão, expressão e comunicação da experiência humana. Para o autor, a estética está contida em si mesma, mas, para alcançar seu autêntico ser-em-si, precisa superar o propósito transcendente, colocando evocação da autoconsciência humana como único e último fim verdadeiro:

A origem da estética é, portanto, aqui também uma secularização, um fazer terreno, um colocar o homem no centro. O princípio antropomorfizante não é aqui qualquer limitação do horizonte, nenhuma deficiência, nenhuma projeção falsa em um mundo mágico-ficcional de objetos, mas a descoberta de um novo mundo para o homem: o mundo do homem (LUKÁCS, 1966, p. 294).

Portanto, o centro de gravidade desloca-se, assim, da eficácia prática transcendental para uma eficácia sensível imanente, fundada na capacidade de revelar e intensificar as determinações essenciais da vida social.

Cabe, portanto, reiterar, de acordo com o autor, que a base determinativa dos processos de separação, distanciamento e divergência das antropomorfizações que se desdobram na direção do estético e do artístico, em contraste com as formas mágicas e, posteriormente, religiosas, reside no desenvolvimento das capacidades sociais e na ampliação dos domínios subjetivos e práticos dos seres humanos, isto é, na constituição de um mundo próprio. O cerne dessas contraposições situa-se, em última instância, nas batalhas históricas entre transcendência e cismundanidade.

Em consonância com essas determinações, magia e religião reivindicam para suas antropomorfizações um estatuto de objetividade imediata, fazendo coincidir reflexo, mimese e realidade. Nas formas mágicas e religiosas, o reflexo não representa a realidade: ele pretende ser a própria realidade. A arte, ao contrário, inaugura uma relação qualitativamente distinta com o mundo. Na mimese estética, o reflexo assume explicitamente seu caráter de forma sensível de conhecimento, expressão e comunicação, sem pretender identificar-se com a realidade efetiva

Enquanto a magia concentra seus intentos centrais na incidência sobre forças transcendentais, dirigindo-se aos seres humanos apenas de modo secundário, a potência do estético e do artístico reorienta esses intentos a partir da terrenalidade, da imanência e do fomento das capacidades próprias dos sujeitos sociais. A mimese estética volta-se para a formação da autoconsciência humana, para a relação interna dos seres humanos com o seu mundo historicamente produzido.

Nesse contexto, a separação entre mimese mágica e mimese estética está intimamente ligada à ampliação das forças imanentes da sociedade e ao enfraquecimento relativo das explicações transcendentais da realidade. O núcleo dessa separação reside na reorientação da prática simbólica: da submissão a poderes externos ao mundo humano para a elaboração consciente da própria realidade social.

Assim, o autor esclarece que nesse processo desponta uma categoria decisiva para a constituição da mimese estética:

(..) a origem de outra categoria fundamental da estética pode ser traçada nesse contexto: a categoria do típico. Essa concentração dos fatos da vida na reflexão que, como vimos, já é inseparável da mimese puramente mágica, só pode ser efetiva se os acontecimentos e as reações forem selecionados e agrupados de acordo com os momentos da vida, que os homens são capazes de perceber imediatamente como reproduções das partes correspondentes de sua existência (LUKÁCS, 1967, p.56).

Como observa Lukács (1967), já nessas necessidades originárias encontra-se uma tentativa de representar o típico, ao mesmo tempo em que a própria vida passa a ser atravessada

por contradições fundamentais, a dissolução do comunismo primitivo, o surgimento das sociedades de classe e o embate crescente entre indivíduo e sociedade, que exigem novas formas de explicitação e reprodução mimética. Nas palavras do autor:

Mas já essa peculiaridade do primitivo típico, nascido com a necessidade espontânea da prática mágica, contém germes de divergência entre magia e arte. Originalmente, as duas necessidades provavelmente coincidem completamente. A divergência das duas tendências não pode começar até que a evolução social produza colisões entre o indivíduo e a totalidade, o que, naturalmente, não pode se manifestar como um fenômeno típico, exceto com a decomposição do comunismo primitivo e o nascimento das primeiras diferenciações em classes (LUKÁCS, 1967, p.57).

O típico surge ligado ao desenvolvimento das capacidades de seleção e agrupamento daqueles momentos da vida social que são percebidos como essenciais, recorrentes e decisivos para a reprodução da existência coletiva. Não se trata do meramente frequente nem do exemplar empírico isolado, mas da condensação de relações essenciais que atravessam múltiplas situações singulares, tornando-as inteligíveis em sua legalidade interna.

Na magia, essa seleção ainda está subordinada à crença na eficácia ritual: destacam-se gestos, situações ou processos na medida em que se supõe que possam influenciar causalmente forças transcendentes. Embora tal seleção já implique uma forma embrionária de generalização, ela permanece presa a uma concepção antropomórfica da realidade, na qual a mimese pretende operar diretamente sobre o mundo.

É justamente nesse ponto que o típico se afirma como mediação estética emergente. Ao deslocar o centro da prática mimética da intervenção mágica para a configuração sensível da realidade, a mimese estética passa a organizar seus conteúdos segundo a capacidade de revelar o que há de essencial, recorrente e socialmente significativo nos processos humanos. O típico torna-se, assim, o princípio organizador da forma artística, permitindo que o singular representado remeta a uma totalidade social mais ampla, sem dissolver-se nem em abstrações conceituais nem em particularidades fortuitas.

Desse modo, a categoria do típico realiza uma dupla mediação decisiva: rompe com a transcendência, ao negar à representação o poder de agir causalmente sobre o real, e conserva, em nível superior, o momento evocativo, agora reorientado para a formação da autoconsciência humana e para a apreensão objetiva do mundo social. A evocação deixa de ser um fim em si e passa a operar como efeito imanente da forma estética.

Assim, o despontamento da mimese estética não pode ser explicado apenas pelo refinamento técnico ou pelo acúmulo de capacidades sensíveis, mas pela emergência de uma nova relação entre forma, conteúdo e realidade, mediada pela categoria do típico. É ela que

possibilita à arte constituir-se como esfera relativamente autônoma da prática social, capaz de oferecer uma imagem sensível do mundo humano que, embora não pretenda transformá-lo magicamente, contribui decisivamente para sua compreensão crítica e para o desenvolvimento da consciência social.

Desse modo, ao se constituir como forma sensível de apreensão e expressão do mundo humano, mediada pela categoria do típico, a mimese estética afirma-se como uma potência social específica, capaz de contribuir para a formação da autoconsciência e para a compreensão crítica das determinações essenciais da vida social. Ao reorientar o elemento evocativo para a imanência da experiência histórica concreta, a arte possibilita aos sujeitos reconhecerem a si mesmos e às suas relações sociais como produtos históricos, contraditórios e, portanto, passíveis de transformação.

Essa determinação confere à prática artística uma relevância particular também para o Serviço Social, na medida em que ambos compartilham o horizonte da leitura crítica da realidade e da afirmação das capacidades humanas frente às formas de alienação e reificação social. Ao favorecer a apreensão sensível das contradições sociais e a ampliação da consciência histórica, a arte pode operar como mediação privilegiada nos processos de desfetichização, de humanização e de fortalecimento da autonomia dos sujeitos.

As considerações finais, a seguir, retomam esse percurso para sustentar que, fundada na cismundandade e na centralidade do humano, a arte não apenas reflete a realidade social, mas se inscreve como uma força objetiva no interior das lutas pela emancipação, constituindo-se, assim, como potência emancipatória na vida social contemporânea.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ARTE COMO POTÊNCIA EMANCIPATÓRIA

Função social desfetichização da arte e processos de emancipação humana

Nas considerações finais deste trabalho, cabe mencionar o núcleo teórico fundamental da *Estética* de Lukács com o objetivo de reafirmar o percurso analítico desenvolvido e explicitar suas determinações ontológicas centrais. Longe de constituir um balanço meramente expositivo, essa retomada permite recolocar, em nível mais elevado de síntese, a compreensão da arte como forma histórica específica de objetivação humana, cuja função social central reside na apreensão sensível, crítica e desfetichizadora da realidade social.

Ao longo da pesquisa, evidenciou-se que a mimese estética, compreendida dialeticamente, não se reduz a um simples espelhamento do real, mas constitui uma forma peculiar de reflexo dialético capaz de revelar as determinações essenciais dos processos sociais.

Nessa medida, a arte eterniza, como afirma Lukács, não um fato isolado, mas um momento da evolução histórica do gênero humano, isto é, um momento de sua autoconsciência historicamente determinada. A obra de arte torna-se, assim, mediação privilegiada na formação de uma relação consciente entre os seres humanos e o mundo que produzem. Nas palavras do autor:

(...) dissemos que a autoconsciência da humanidade é a subjetividade autêntica que carrega a arte, e depois indicamos que essa autoconsciência só é possível a partir de um mundo que já é relativamente transparente para o homem, porque tem que se basear em fatos que alcançaram domínio sobre o mundo interior e exterior do homem, submetendo-os à evolução progressiva da humanidade. Nessa autoconsciência do homem reside, entre outras coisas, o profundo humanismo da estética (LUKÁCS, 1967, p.40).

Nesse sentido, a função social da arte se inscreve no interior de uma missão desfetichizadora mais ampla, compartilhada historicamente com a ciência e a filosofia. Tal missão consiste em confrontar as formas sociais nas quais os produtos do trabalho humano se autonomizam e passam a dominar seus próprios produtores, tanto no plano material quanto no ideal, fenômeno que encontra sua expressão mais desenvolvida nas relações mercantis e nas categorias econômicas do capitalismo.

A desfetichização implica, portanto, um duplo movimento: a superação subjetiva das aparências reificadas da realidade e a restituição do papel ativo dos seres humanos na história (Lukács, 1966).

Como demonstraram Marx e Lukács, essa apreensão dialética da realidade não é socialmente neutra. Ao contrário, ela se choca no capitalismo diretamente com os interesses da burguesia, cuja dominação depende da reprodução de formas de consciência reificadas, fragmentadas e naturalizadas.

Pensar dialeticamente, apreender a realidade como totalidade contraditória e histórica, interessa fundamentalmente aos sujeitos que almejam a superação da ordem do capital. À sociabilidade burguesa, especialmente em suas formas monopolistas e imperialistas, interessa a difusão da falsa consciência, condição necessária à manutenção de um sistema estruturalmente contraditório.

É nesse horizonte que a arte revela sua potência emancipatória. As capacidades miméticas e evocadoras humanas, que se desenvolvem originariamente no trabalho e na vida cotidiana, encontram na arte uma forma elevada de objetivação, capaz de reorientar o elemento evocativo para a formação da autoconsciência e da sensibilidade histórica. Diferentemente da magia e da religião, a mimese estética não pretende intervir causalmente sobre forças transcendentais, mas atua no interior da cismundanidade, contribuindo para a compreensão crítica e sensível da realidade social.

Dessa forma, os processos de humanização e de emancipação humana se mostram indissociáveis do desenvolvimento das capacidades sociais que permitem aos seres humanos ultrapassar a aparência coisificada dos fenômenos e reconhecer-se como sujeitos históricos de sua própria práxis. A arte, enquanto forma específica dessa mediação, desempenha um papel decisivo na restituição do protagonismo humano, ao revelar que as estruturas sociais não são naturais nem imutáveis, mas historicamente produzidas e, portanto, passíveis de transformação.

Nesse quadro, a interlocução com o Serviço Social contemporâneo não se apresenta como um acréscimo externo, mas como desdobramento necessário das determinações analisadas. Ao reconhecer os sujeitos sociais como seres sensíveis, pensantes e historicamente situados, a estética oferece mediações fundamentais para práticas profissionais comprometidas com a ampliação da autonomia, da consciência crítica e da emancipação humana.

Incorporar a dimensão estética à reflexão e à prática do Serviço Social significa afirmar um projeto ético-político profissional que não se limita à gestão da vida social tal como ela é, mas que se orienta pela transformação consciente das condições que produzem a desigualdade, a alienação e a reificação.

Com base nesse percurso teórico-analítico, torna-se fundamental afirmar que esta pesquisa não se encerra nas conclusões aqui apresentadas, mas antes abre caminhos fecundos para investigações futuras. As determinações ontológicas da arte enquanto mediação desfetichizadora e potência emancipatória, tal como desenvolvidas a partir da *Estética* de Lukács e articuladas ao campo do Serviço Social, colocam novas questões que extrapolam os limites deste trabalho, exigindo aprofundamentos teóricos e empíricos.

Permanecem como desafios investigativos a análise das mediações concretas entre práticas artísticas, processos de formação da consciência social e intervenções profissionais no âmbito das políticas públicas e dos espaços socioassistenciais, bem como a apreensão das contradições que atravessam a institucionalização da arte sob a sociabilidade do capital.

Nesse sentido, este estudo se apresenta como um momento de síntese, que reafirma a centralidade da arte na luta pela humanização e pela emancipação humana, ao mesmo tempo em que convoca novas pesquisas a desdobrar, tensionar e enriquecer criticamente as reflexões aqui desenvolvidas, na perspectiva de um projeto societário orientado para além da ordem vigente.

Por fim, pode-se considerar que a arte, longe de constituir um domínio acessório da vida social, afirma-se como potência objetiva de humanização e emancipação. Ao fomentar a autoconsciência, desfetichizar a realidade e ampliar os horizontes da experiência humana, a arte contribui decisivamente para a construção de um mundo no qual os seres humanos possam reconhecer-se como autores de sua própria história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL (ABEPSS). **Diretrizes curriculares da ABEPSS para os cursos de Serviço Social**. Brasília: ABEPSS, 1996.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL (ABEPSS); CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (CFESS). **Referencial teórico-metodológico do Serviço Social**. Brasília: ABEPSS/CFESS, 1996.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (CFESS). **Código de ética profissional do assistente social**. Brasília: CFESS, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 1998.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**. São Paulo: Cortez, 2008.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social no Brasil: das origens conservadoras aos fundamentos do Projeto Ético-Político Profissional. Aula 5. In: Curso de Especialização Lato Sensu em Serviço Social: Trabalho Profissional, Questão Social e Fundamentos Teórico-Históricos e Ético-Políticos do Serviço Social**. Disciplina: Formação Social Brasileira. [S.l.]: CFESS/ABEPSS, 2024/2025.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Maria Cecília. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil**. São Paulo: Cortez/CELATS, 1982.

LUKÁCS, György. **Estética I: la peculiaridad de lo estético**. Barcelona; México: Grijalbo, 1966.

LUKÁCS, György. **Problemas da mimesis**. In: LUKÁCS, György. *Estética I: la peculiaridad de lo estético*. Barcelona; México: Grijalbo, 1967.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço Social: identidade e alienação**. São Paulo: Cortez, 2024.

social, mineração e Serviço Social. Ouro Preto: Editora UFOP, 2023.

SILVA, Marlon Garcia da. **Arte e Serviço Social** – CADERNO DE FORMAÇÃO. Relatório final do projeto “Qualificação da formação e do exercício profissional de assistentes sociais da região dos Inconfidentes: a arte como ferramenta de trabalho nas Proteções Sociais Básica e Especial da Política de Assistência Social”, apresentado à FAPEMIG (Chamada nº. 11/2022 da FAPEMIG, “Apoio a Projetos de Extensão em Interface com a Pesquisa”), 2025.

VASCONCELOS, Darlian dos Santos de. **Fundamentos ontológicos da categoria da evocação e suas repercussões para a sustentação da tese do sistema de sinalização 1’**. Relatório final de pesquisa (Iniciação Científica – CNPq) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2024.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Os fundamentos do Serviço Social na contemporaneidade**. In: CEAD-UnB (org.). *Curso programa de capacitação continuada para assistentes sociais*. v. 4. Brasília: CEAD-UnB, 2000. p. 19–34.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Os fundamentos do Serviço Social e o enfrentamento ao conservadorismo**. *Libertas: Revista de Serviço Social*, v. 20, 2020

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Rubens Enderle et al. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOTA, Carlos Eduardo. **Fundamentos teóricos e metodológicos do Serviço Social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e Serviço Social**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NETTO, José Paulo. **Para a crítica da vida cotidiana**. In: NETTO, José Paulo. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

REDON, Silvio Aparecido; SANTOS DE CAMPOS, Eliane Christine. **O Serviço Social e a reprodução das relações sociais**. *Revista Praia Vermelha*, Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

SILVA, Ana Milena Guimarães da. **Mapeamento, sistematização e discussão preliminar de produções acadêmicas sobre arte e cultura no Serviço Social brasileiro no período 2010–2020**. 67 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023.

SILVA, Isabela Oliveira. **Fundamentos ontológicos e a peculiaridade da categoria da evocação nas formas abstratas do reflexo estético da realidade**. 60 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2024.

SILVA, Marlon Garcia da. **Serviço Social, arte e extensão universitária: a experiência do Programa Mineração do Outro**. In: HORST, Cláudio; CARRARA, Virgínia (org.). *Questão*